

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ACLEÍSA TAVARES DA SILVA

MEMÓRIAS DA COMUNIDADE SURDA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS – AM

Parintins - AM

2023

ACLEÍSA TAVARES DA SILVA

MEMÓRIAS DA COMUNIDADE SURDA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS – AM

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra: Francisca Keila de Freitas Amoêdo

Parintins - AM

2023

ACLEÍSA TAVARES DA SILVA

MEMÓRIA DA COMUNIDADE SURDA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS – AM

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 22/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Dra. Francisca Keila de Freitas Amoêdo

Diretora GESP

Portaria Nº 754/2023 - GR/UEA

Profª Drª Francisca Keila de Freitas Amoêdo (Presidente)
Universidade do Estado do Amazonas

Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos

Profª Drª Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos (Membro)
Universidade do Estado do Amazonas

Mariê

Profª Msc Mariê Augusta de Souza Pinto (Membro)
Secretaria de Estado de Educação e Desporto

DEDICATÓRIA

*Dedico à minha família que muitas vezes tive
que presentear com minha ausência e pouca
atenção, mas que mesmo sem entender me
apoiou e fortaleceu em todos os momentos!*

AGRADECIMENTO

*Sem sombras de dúvidas agradeço em primeiro lugar a **Jeová Deus** que me fortaleceu e conduziu pelas mãos todos os dias nessa caminhada da graduação.*

*Sou grata aos meus pais **Aluizio Senna e Lucicleia Silva** que mesmo tendo tão pouco me apoiaram e incentivaram a não desistir desse sonho que era concluir o curso de Pedagogia, sou grata aos meus irmãos **Aleilso e Andreilson** que me ajudaram em diversos momentos, até me ajudaram a confeccionar material para as regências, tiraram mil cópias de material impresso tanto para as aulas como para os trabalhos com as crianças durante os estágios.*

*Agradeço aos meus mestres por todo conhecimento compartilhado durante esses quase cinco anos, de coração obrigada: **Dr^a Simone Silva, Msc. Eliseu Silva, Msc Ágdo Régis, Dr^a Georgina Vasconcelos, Dr^a Gyane Karol Dr^a Gracy Kelly, Dr^a Ângela Figueiredo, Msc. Marlon Jorge, Dr. Maildson Fonseca, Msc. Renner Dutra (in memorian) e Dr. André Melo**, e claro que junto com esses professores não poderia deixar de agradecer a nossa super secretária de curso a **Edilene Pio** que foi incansável em todos momentos sempre disposta e parceira.*

*E um agradecimento especial a minha coorientadora a Prof^a Especialista **Elenice Mourão** e a minha queridíssima orientadora **Dr^a Francisca Keila Freitas de Amoêdo** que me apoiaram em todos os sentidos, não compartilharam comigo somente conhecimentos científicos, mas, se tornaram parceiras e incentivadoras em momentos que pensei até mesmo em desistir, e elas firmemente estavam lá para me direcionar e dizer que ia dar certo.*

*E jamais poderia deixar de agradecer ao meu “**Bonde das Burguesas**” as amigas que a UEA me deu, minha tímida **Diohanna Araújo**, a marrenta **Isabely Batista**, a doce **Beatriz Freitas** e a amiga **Karen Xavier**, sem essas pessoas essa caminhada teria sido bem mais pesada e talvez inconclusa, pois, compartilhamos não só trabalhos acadêmicos, juntas choramos, sofremos, sorrimos e amamos o que levou nossas famílias a se conhecerem, e todas essas cinco famílias cooperaram para que esse Bonde continuasse até aqui onde nos tornamos Pedagogas de fato e de direito.*

*E com esse Bonde muitas pessoas se envolveram, isso porque as famílias também cooperaram para a nossa caminhada, por isso obrigada: dona **Clicia Xavier, Seo Rosenildo Viana, dona Eliane Yoshii, seo Reginaldo Yoshii, Iego Barreto e Ronald Viana**.*

*Agradeço a cada pessoa que nessa caminhada me ajudou de forma direta ou indireta, como as intérpretes **Leni Gomes e Dayane Pontes**, aos membros do Núcleo de Acessibilidade*

*tantos os surdos como os ouvintes, mas em especial a **Nandara, Erick e Ian** que junto comigo ajudou a construir esse trabalho tão primoroso. Obrigada a todos do CESP/UEA!*

*Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós*

*É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
Então fazer valer a pena
Cada verso daquele poema sobre acreditar*

*Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações*

*A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso, eu prefiro sorrisos*

E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

*Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás*

*Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui*

*Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir*

Trem Bala

Ana Vilela

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso traz como temática “Memória da Comunidade Surda no Município de Parintins -AM, é verificar o contexto histórico da comunidade surda no Município de Parintins a partir das memórias narradas por participantes dessa Comunidade. Tal objetivo nos permitiu reviver as memórias da Comunidade Surda em Parintins considerando os aspectos sociais e educacionais nos quais esta vivencia as oportunidades de vislumbrar o desenvolvimento e avanço próprio. Para que pudéssemos conhecer e entender a história da comunidade surda revisitamos obras de autores como Strobel (2009), Vilhalva (2004), Sacks (2010), Perlin (2003) e Santos e Molon (2014). As obras nos permitiram conhecer o contexto histórico assim como a realidade vivenciada pela Comunidade Surda e a necessidade desta em apresentar sua história. A metodologia partiu da pesquisa qualitativa, tendo como método de abordagem a fenomenologia e os métodos de procedimentos temos o estudo de caso por meio de narrativas coletadas a partir de entrevistas não padronizada e relatos espontâneo, os quais nos permitiu ter uma visão ampla para que pudéssemos seguir com a pesquisa. Os resultados obtidos nos trouxeram os avanços da Comunidades Surda desde o início do processo educacional ainda na escola Santa Izabel, até a Universidade do Estado do Amazonas CESP-UEA Parintins. Onde atualmente essa comunidade vem tendo a oportunidade da formação profissional e socialização da Libras com a sociedade por meio de projetos de extensão.

Palavras-chave: Comunidade Surda. Sociedade. Direito. Surdos.

ABSTRACT

This course completion work has as its theme "Memory of the Deaf Community in the Municipality of Parintins -AM, whose objective is to verify the historical context of the Deaf Community in the Municipality of Parintins, this objective allowed us to relive the memories of the Deaf Community in Parintins considering the social and educational aspects in which these Communities experience opportunities to envision their development and advancement. So that we could know and understand the history of the deaf community, we revisited works by authors such as Strobel (2009), Vilhalva (2004), Sacks (2010), Perlin (2003) and Santos and Molon (2014). The works allowed us to know the historical context as well as the reality experienced by the Deaf Community and its need to present its history. The methodology was based on qualitative research, using phenomenology and procedural methods as a method of approach, we have the case study through narratives collected from non-standardized interviews and spontaneous reports, which allowed us to have a broad view so that we could continue with the search. The results obtained brought us the advances of the Deaf Communities since the beginning of the educational process, still at Santa Izabel School, until the University of the State of Amazonas CESP-UEA Parintins. Where this community currently has the opportunity of professional training and socialization of Libras with society through extension projects.

Keywords: Deaf Community. Society. Right. Deaf.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 A trajetória do surdo através do tempo	12
1.2 Definições sobre Comunidade	13
1.2.1 <i>Conceito de Comunidade</i>	13
1.2.2 <i>A Comunidade surda</i>	15
1.3 Direitos assegurados a Comunidade Surda	17
1.3.1 <i>Declaração de Salamanca</i>	18
1.3.2 <i>Lei da Libras</i>	18
1.3.3 <i>Lei de Diretrizes e Bases- LDB</i>	19
1.3.4 <i>Lei no Município de Parintins</i>	20
1.4 Município de Parintins e a Comunidade Surda	21
1.4.1 <i>Religião</i>	21
1.4.2 <i>Educação</i>	22
1.4.3 <i>Saúde</i>	24
1.4.4 <i>Cultura</i>	27
1.5 A importância do intérprete de libras para a Comunidade Surda	28
1.5.1 <i>O reconhecimento da profissão</i>	28
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	30
2.1 Caminho percorrido para a aquisição dos fatos	30
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	32
3.1 Comunidade Surda e sua afirmação nas diferentes áreas	32
3.1.1 <i>Entendimento de Comunidade Surda</i>	32
3.2 O curso da educação para a Comunidade Surda	36
3.2.1 <i>A primeira Escola</i>	36
3.2.2 <i>O choro do inocente e um olhar sensível</i>	38
3.2.3 <i>A evolução e construção de uma nova realidade</i>	39
3.3 A religião e sua contribuição à Comunidade Surda	45
3.3.1 <i>O surgimento do interesse</i>	45
3.3.2 <i>Os desafios e as conquistas</i>	51
3.4 A saúde com um olhar atento a Comunidade Surda	55
3.4.1 <i>O início de tudo</i>	55
3.4.2 <i>O caminho percorrido e seus desafios</i>	56
3.4.3 <i>As conquistas em formação</i>	57
3.5 A cultura como apropriação dos espaços	58
3.5.1 <i>Arte como meio de inclusão</i>	59
3.5.2 <i>Espaços conquistados</i>	61
3.6 Da escola Santa Izabel à Universidade	63
3.6.1 <i>Acontecimentos Marcantes</i>	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Falar sobre comunidade surda é fazer o resgate histórico de um povo que ao longo do tempo vem lutando por seus direitos, os quais são em alguns momentos invisíveis no contexto histórico devido à falta de conhecimento das pessoas. O trabalho que hora apresentaremos visa conhecer a história da Comunidade Surda em Parintins, elencando os desafios e conquistas que ocorreram ao longo de sua trajetória.

Para melhor entendimento da pesquisa a qual suscitou da problemática: Como a Comunidade Surda no Município de Parintins narra suas histórias? Este problema nos permitiu refletir acerca da Comunidade Surda e traçar as questões que nortearam esse trabalho baseados inicialmente em perguntas como: O que se entende por Comunidade Surda no Município de Parintins? Que registro há da trajetória da Comunidade Surda em Parintins? Quais os desafios enfrentados na trajetória da Comunidade Surda no Município de Parintins?

De modo que essa pesquisa tem como objetivo Geral: Verificar o contexto histórico da Comunidade Surda no Município de Parintins a partir das memórias narradas por participantes dessa comunidade. E como objetivos específicos :Pesquisar o que se entende por Comunidade Surda no Município de Parintins; identificar os desafios enfrentados pela Comunidade Surda no Município de Parintins; Registrar a trajetória da Comunidade Surda em Parintins tempo por meio da linha do tempo

Entendemos que a Comunidade Surda passou por muita coisa para alcançar o patamar de Comunidade. Bem mais do que apenas se reunirem em um lugar para conversar e interagir, os Surdos estão organizados e ocupando seu espaço nas mais diversas áreas da sociedade, e como Comunidade tem se fortalecido e apoiado seus membros cada vez mais, em especial no campo da educação. Desta forma é significativo que se reflita sobre sua evolução e como tem conseguido se firmar como Comunidade, surgindo assim a inquietação de descobrir como a Comunidade Surda se apresenta historicamente no Município de Parintins.

O interesse por essa pesquisa foi fruto de experiências de alguns anos atrás, onde tive a oportunidade de trabalhar e conviver com vários surdos, por ser Testemunha de Jeová fiz um curso dentro da própria congregação e aprendi alguns sinais básicos do idioma deles a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e pelo convívio junto a estes observei o quanto é importante um ambiente no qual os surdos se sintam bem e tenham suas necessidades atendidas e compreendidas. A partir dessas vivências, despertou-me o interesse em conhecer como os surdos do Município de Parintins tem sido atendido e compreendido. Porém, por inúmeros acontecimentos em minha vida pessoal, tal interesse ficou adormecido por algum tempo.

Todavia, ao adentrar à Universidade e me deparar com uma colega de aula surda, de imediato me questionei como ela tinha conseguido chegar à Universidade, quem a apoiou? Se já não fosse motivo suficiente fui surpreendida por um professor mestre surdo que inclusive nos ministrou a disciplina de LIBRAS e ao conversar com professores e egressos descobri que nesta mesma Universidade estudam 18 acadêmicos surdos, o que de fato aflorou novamente o desejo de querer investigar sobre a temática envolvendo a Comunidade Surda em Parintins e como tem contribuído favoravelmente para a vida dos surdos neste Município.

Tal pesquisa contribuiu não apenas como um fato histórico, mas como um suporte para que se conheça o processo desafiador que o surdo vem passando ao longo da história aqui em Parintins / AM, uma cidade com pouco mais de 116 mil habitantes tem um número significativo de surdos, dentre estes 18 estão no ensino superior, sendo que alguns já estudaram no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) em curso técnico e também há surdos na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É necessário mostrar que em Parintins a Comunidade Surda vem atendendo a necessidade e fazendo com que a inclusão ocorra de uma forma significativa.

É importante destacar que Comunidade Surda em Parintins tem sido atuante, na qual os surdos realizam reuniões e estudos que incentivam os demais surdos a serem inseridos nas mais diversas áreas da sociedade e é de suma importância que se conheça e registre todo caminho percorrido por essa Comunidade Surda em Parintins.

O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro é o referencial teórico que aborda a questão de quais teóricos corroboram com a história que os surdos passaram no decorrer de suas vivências como Comunidade, o segundo apresenta o percurso metodológico que nos norteou para escolha de métodos e técnicas que usamos para coletar os dados deste estudo, e o terceiro é a análise de dados, onde podemos ouvir, transcrever e analisar a narrativa de nossos entrevistados durante esse estudo.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentaremos neste capítulo o referencial teórico, o qual nos permite demonstrar os estudos realizados sobre a Comunidade Surda, analisando o que os autores dialogam e afirmam sobre a temática aqui abordada. Fazendo um breve resgate da trajetória desta de uma forma macro perpassando pelo Brasil até chegar a Comunidade Surda de Parintins que é o foco principal desta pesquisa

1.1 A trajetória do surdo através do tempo

*Sabe
Quantas vezes cheguei perto para falar e não consegui
Quantas vezes meus olhos falaram e você nem ligou
Quantas vezes minhas mãos chamaram e você nem se importou...*

Shirley Vilhalva

Ao olharmos um grupo de surdos conversando e interagindo alegremente em uma praça, Escola e Universidade, não temos ideia do caminho que estes percorreram para chegarem a este nível de liberdade e compreensão por parte de sua família e sociedade. É importante que se faça um breve resumo do caminho percorrido pelo Surdo no decorrer da história, pois, este perpassou por inúmeras dificuldades e até mesmo atrocidades no que tange sobreviver sendo surdo.

Os Surdos eram vistos como pessoas castigadas ou amaldiçoadas pelos deuses, que não eram dignos de circular em meio a sociedade da época. Nascimento (2006), menciona que os espartanos por exemplo, condenavam as crianças surdas à uma morte dolorosa por asfixia ou tinham suas gargantas cortadas, nem mesmo os familiares podiam proteger aquelas crianças daquele destino cruel. Mediante a tudo isso o que menos eles tinham eram seus direitos garantidos, em Roma esses lhes eram totalmente negados.

Por longos anos os surdos não eram nem mesmo aceitos na sociedade, por não fazerem parte dos ditos “normais” e um dos principais desafios enfrentados pelos mesmos era a comunicação através da Língua de Sinais. Por algum tempo desde o Congresso de Milão¹ o uso dessa língua foi proibido, “[...] o método combinado, que utilizava tanto sinais como o treinamento em língua oral, foi substituído em muitas escolas pelo método oral puro, o

¹ Conferência que ocorreu em 1880 com educadores de surdos.

oralismo” (Felipe, 2007, p. 152). Levando o Surdo ao retrocesso no que se refere a comunicação e interação.

Na trajetória do Surdo, essa proibição que ocorreu também no Brasil acarretou em prejuízos para estes, isso os impedia de conhecer e fazer parte da Comunidade Surda, pois um dos elos que fortalece a interação entre seus membros é a comunicação através de seu idioma. Felipe (2007, p. 152), enfatiza que em algumas vezes essas proibições iam além de uma simples determinação, levando à ações extremas, sendo até “[...] comum a prática de amarrar as mãos das crianças para impedi-las de fazer sinais [...]”, violando o direito dos Surdos de conhecerem seu próprio idioma e cultura, obrigando-os a fazer uso de sua língua escondido como se tivessem cometendo algum crime.

A história da Educação se entrelaça com a história do Surdo, pois, este precisou viver por algum tempo às margens da Educação, sem poder se expressar, compreender e ser compreendido, o que lhe tirava o direito de aprender coisas básicas como ler, escrever e expressar-se de acordo com o seu entendimento.

Mas em algum momento da História percebemos mudanças, pois mesmo em meio a oposições, barreiras e proibições, os Surdos conseguiram manter-se unidos com auxílio de associações onde podiam se encontrar para interagir já que não estavam mais na Escola, então esses lugares se mostraram um porto seguro para a manutenção especialmente da Língua de Sinais (Assênsio, 2015).

Com o final da proibição do uso da Língua de Sinais no ano de 1960, pouco a pouco ela foi sendo conhecida e reconhecida como língua legítima, podendo agora ser usada em qualquer lugar e de forma livre em vários países. No Brasil somente no ano de 2002 a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, foi oficializada.

1.2 Definições sobre Comunidade

*Minha vontade de contar coisas bonitas ia morrendo
Meus olhos iam se apagando
Minhas mãos iam silenciando
E eu me sentia só, num mundo que não era meu*

Shirley Vilhalva

1.2.1 Conceito de Comunidade

Não podemos falar sobre a Comunidade Surda, sem antes nos atentarmos para o conceito de Comunidade de modo geral. Para tanto se faz necessário que compreendamos o que

está envolvido nesse termo. Para autores como Bauman (2003), Peruzzo e Volpato (2009) e Strobel (2008) o termo Comunidade é muito abrangente, porém, existem pontos que são característicos e primordiais para sua conceituação.

Em algumas literaturas percebemos o conceito de “comunidades” como sendo qualquer junção ou reunião de pessoas como sendo uma Comunidade, nos mais diversos contextos como “bairros, vilas, cidades, segmentos religiosos, segmentos sociais e redes de relacionamentos na internet” (Peruzzo; Volpato, 2009, p. 140). Mas, Comunidade vai bem além desses fatores, pois esta precisa ser um lugar no qual seus membros se sintam parte integrante e que confiem uns nos outros, que haja reciprocidade, como pontua Peruzzo e Volpato (2009, p. 140):

Mas o que não há como negar é que a palavra “comunidade” evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Atualmente, seria o lugar ideal onde se almejaria viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna

É compreensível dizer que a Comunidade é onde existe um clima de cumplicidade e parceria, que proporcione sensações boas e agradáveis, pois, o alicerce da vida em Comunidade está na reunião de ideais e pensamentos em comum que predominam entre seus membros. E mesmo que passem por situações adversas, como Comunidade conseguem superá-las, o que faz com que se fortaleçam cada vez mais, evidenciando segurança para todos aqueles que participam da mesma.

Para Bauman (2003, p. 7), a Comunidade é como um porto seguro que abriga seus membros de inúmeros perigos, “[...] a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado [...]”. Estar em uma Comunidade pode acarretar em muitos desafios, mas também se pode entender que ninguém está sozinho diante das dificuldades, pois:

[...] numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça [...] (Bauman, 2003, p. 8).

Os conceitos mencionados referente a Comunidade, nos permite a compreensão que há um amparo não só no campo das coisas práticas, mas, também no campo emocional, pois, faz com que seus membros se encontrem como sendo parte ativa do mundo ao seu redor, e o que predomina é um sentimento de pertencimento.

Assim como os autores já citados, Strobel (2008) uma professora e autora de várias obras, conceitua Comunidade e o que de fato significa para ela como membro desta, vale ressaltar que por ser surda tem propriedade ao falar sobre o termo já que se mostra de grande valia no seu próprio desenvolvimento.

Diante do princípio, fazer parte de uma Comunidade envolve encontrar seus pares de modo a fortalecer suas relações como que encontrando com aqueles que se compreendem mutuamente sem distinção, Strobel (2008, p. 31) afirma que “[...] uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras”, corroborando assim com o pensamento pelo coletivo do trabalho harmônico em prol do crescimento e consolidação da referida Comunidade.

1.2.2 A Comunidade surda

Esta pesquisa está fundamentada em autores como Perlin (2003), Santos e Molon (2014), Strobel (2009) e Vilhalva (2004) que procuram mostrar o que é Comunidade Surda, qual sua importância na vida de seus membros e de que forma estão organizados.

Talvez para alguns, Comunidade Surda se configure apenas como um lugar onde vivem pessoas que sejam deficientes auditivas ou surdos que se comuniquem pela a mesma língua, porém, para Santos e Molon (2014, p. 304). “[...] a comunidade surda configura-se como um espaço e como um lugar de pertencimento, a partir de onde os surdos podem mostrar e valorizar sua identidade surda, suas histórias, exaltando sua diferença cultural”.

O Surdo ao ser inserido na Comunidade vislumbra uma vivência mais significativa no que diz respeito a sua participação na sociedade, abre-se uma nova porta para este, pois em muitos momentos os surdos não se sentem parte de nenhum mundo, se sentem desambientados ou mesmo excluídos nos mais diversos espaços que possam frequentar.

É visível a importância da Comunidade Surda para aqueles que fazem parte dela, pois no momento que os mesmos são compreendidos e tem suas necessidades atendidas, notam que não são os únicos no mundo, eles conseguem sentir-se parte integrante de um grupo ou Comunidade, o que lhes possibilita novas experiências a serem vividas com pessoas que os entendam e possam compartilhar suas vivências e terem seus sentimentos em fim compreendidos. É importante ressaltar que a Comunidade Surda:

Na verdade, não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada

localização que podem ser as associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (Strobel, 2009, p. 6)

Ao se considerar a Comunidade Surda baseada no fato de pessoas ouvintes fazerem parte desta é imperativo destacar que atualmente as reflexões em torno do que é e quem pode estar na comunidade surda vem se expandindo como um leque de oportunidades tantos para os surdos como para ouvintes, no entanto é necessário entender que, na Comunidade Surda “[...] se trata de um aspecto mais híbrido [...]” (Perlin, 2003, p. 17), podemos encontrar ouvintes que junto com os surdos tem interesse em comum, e buscam que essa Comunidade se fortaleça, ganhe notoriedade e que seus membros ocupem cada vez mais espaço nas diversas áreas de nossa sociedade. Isso propicia ao surdo liberdade para se expressar, pois faz com que ele construa sua identidade e não apenas se adeque ao que outros esperam dele, como afirma Sacks (2010 p. 6):

[...] Muitas das pessoas surdas que conheci não haviam aprendido apenas uma língua adequada, e sim uma língua de um tipo inteiramente diferente, que servia não só às capacidades de pensamento (e, de fato, possibilitava o pensamento e a percepção de um tipo não totalmente imaginável pelos que ouvem), mas também como o meio de comunicação de uma comunidade e uma cultura ricas [...].

A Língua de Sinais é o que dá ao surdo autonomia no que se refere a expressar seus sentimentos, emoções e anseios, a comunicação que a língua proporciona a Comunidade Surda faz com que ela se fortaleça dando aos seus membros uma identidade e fazendo com que estes se situem enquanto parte ativa no mundo.

Vilhalva (2004) descreve que pessoas surdas em suas vivências passam por uma série de situações que acarretam às mesmas muito desgaste emocional por não se reconhecerem no ambiente que se encontram, por isso em seu caso pessoal afirma:

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, tudo ficou melhor quando eu descobri e tive a compreensão do que meu padrasto havia me ensinado sobre encontrar um mundo melhor (Vilhalva 2004, p. 37).

É notório como a autora se encontrou como pessoa, se reconheceu e passou a entender suas próprias emoções, isso porque ela conseguiu ser compreendida por outras pessoas que

falavam o mesmo idioma, evidenciando assim que “[...] o maior elo dentro dessa Comunidade é sua língua em comum, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) [...]” (Santos; Molon, 2014, p. 306). Esta se tornou o ponto forte da Comunidade Surda, e no Brasil a mesma se tornou lei no ano de 2002 como veremos posteriormente.

1.3 Direitos assegurados a Comunidade Surda

*Aos poucos fui nascendo novamente
Aceitando seu mundo
E descobrindo nele coisas maravilhosas:
A existência do som, da palavra, das cores
Só não consegui identificar a sua voz...*

Shirley Vilhalva

Durante muitos anos a Comunidade Surda no Brasil sofreu devido não ser dado real importância para o uso do seu idioma a LIBRAS, pois, era ignorado por parte dos demais, o fato é que o surdo necessita crescer se comunicando na sua língua, visto que, isso faz com que este desenvolva seu cérebro cognitivamente assim como sua linguagem (Ferreira, 2003).

O descaso com a LIBRAS muitas vezes leva o surdo ao afastamento de outras pessoas, muitos deles “[...] acabam isolando-se em suas casas por sentirem vergonha, ou optam por passar a maior parte do tempo na escola por terem com quem conversar (amigos surdos) [...]” (Amoêdo, 2017, p. 42) que se utilizam da mesma língua e tem a possibilidade de troca de experiências.

A trajetória da Comunidade Surda no Brasil se entrelaça com a da Educação, para tanto, é necessário enfatizar que a legislação brasileira, garante Educação a todos os cidadãos deste país como preconiza a Constituição Federal de 1988:

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, p. 123).

Percebemos ainda, que mesmo com a legislação em vigor, não foi suficiente para que os Surdos tivessem o direito de ser educados no seu idioma, pois ainda era preciso assegurar Educação para pessoas com deficiência o que inclui os Surdos, sujeitos deste estudo.

A Constituição Federal de 1988 preconiza que: Art. 208 “O dever do Estado com educação será efetivado mediante a garantia de: III – Atendimento educacional especializado

aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.” Deste modo, pontua-se que além do direito à Educação, os surdos como sendo pessoas com deficiência tem também o direito à Educação na rede regular de ensino, o que mais tarde foi proposto pela Declaração de Salamanca.

1.3.1 Declaração de Salamanca

No ano de 1994 entre os dias 7 e 10 de junho ocorreu uma Assembleia na cidade de Salamanca na Espanha, onde foi reafirmado o compromisso do Estado de que a Educação para Todos se tornasse uma realidade, ressaltando a urgência de que as pessoas com deficiência tenham seus direitos garantidos dentro das instituições de ensino regular. A Declaração de Salamanca enfatiza que a inclusão proporciona “dignidade humana” fazendo com que as pessoas com deficiência possam ter seus direitos garantidos como membros de uma sociedade que as respeite. No que se refere aos Surdos que são o centro de nossa pesquisa a Declaração de Salamanca afirma:

A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares (Brasil, 1994, p. 7).

Objetivamos neste registro que as pessoas com deficiência auditiva não sejam excluídas, antes, tenham o direito de estudar em uma escola que proporcione a pessoa surda ser ensinada juntamente com todas as outras pessoas em uma escola de ensino regular.

Percebemos ainda que as leis vão estabelecendo meios para que as pessoas com deficiência possam ir ganhando seu espaço, tendo suas necessidades atendidas e interagindo com todos para a construção de sua personalidade, identidade e independência.

1.3.2 Lei da Libras

É notório que a Comunidade Surda precisou esperar algum tempo, mas, teve uma vitória no que tange o direito de ter seu idioma reconhecido e vê-lo ser usado não só por Surdos, mas por todos aqueles que fazem parte de sua Comunidade. No ano de 2002 no dia 24 de abril foi decretada e sancionada a Lei nº 10.436 que reconhece e Língua Brasileira de Sinais (Libras), como meio legal de expressão e comunicação no Brasil e determina:

Parágrafo Único - Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora. Com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidade de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2005, p. 1).

Diferente de tempos onde os Surdos eram punidos por usarem seu idioma, a partir deste momento a Lei estava ao seu lado, sua Comunidade podia então fazer uso da língua de sinais assim como ter o direito de atendimento nas instituições públicas por meio do seu idioma.

É importante lembrar que a Lei 10.436 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000, só foram regulamentados alguns anos depois por meio do decreto nº 5.626 no ano de 2005 no dia 22 de dezembro que afirma:

Art. – 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (Brasil, 2005, p. 1).

Desse modo o idioma da Comunidade Surda torna-se regulamentado no Brasil, fazendo com que seja difundida e tornando-a mais conhecida não somente entre os membros da referida Comunidade, mas também para aqueles que buscam comunicar-se e compreender os Surdos em qualquer espaço que possam se encontrar.

Após a vitória relacionada ao reconhecimento da Libras como idioma oficial da Comunidade Surda, se fez necessário outras mudanças no que tange a Educação do Surdo em seu idioma, precisava-se pensar como esta seria realizada no decorrer da sua formação, desde a infância e por toda sua vida.

1.3.3 Lei de Diretrizes e Bases- LDB

No ano de 2021 houve um acréscimo na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) Lei nº 9.394/96 que visa garantir que o Surdo tenha uma Educação bilíngue, e esse acréscimo ou alteração se deu por meio da Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021 que no seu Art. 2º ganha mais um capítulo o V-A que afirma:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas

habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (Brasil, 2022, 42).

A Legislação preconiza que haja essa Educação bilíngue para os Surdos, com essa alteração na LDB, a Libras se torna a primeira língua e o português escrito passa a se tornar a segunda língua, promovendo assim o desenvolvimento do Surdo em sua interação e comunicação com o outro.

Tecer o olhar para a legislação em âmbito nacional, nos faz pensar em Parintins, o que foi realizado neste Município a favor da Comunidade Surda? Entende-se que é imperativo trazer algumas considerações referentes a própria legislação municipal acerca da Comunidade Surda.

1.3.4 Lei no Município de Parintins

Podemos dizer que em matéria de Lei, o Município de Parintins também se ateu às que já existem e no âmbito local aprovou e sancionou algumas, a Lei nº 704/2018 (Parintins, 2018) corrobora com a Lei 10.436 no que se refere ao entendimento do que seja a Língua Brasileira de Sinais – Libras e que a mesma deve ser difundida e usada nas repartições públicas do Município. Mas recentemente a Lei nº 848/2022 evoca que o atendimento aos Surdos de fato aconteça em todos os setores do Município:

Art. – 1º A toda pessoa surda fica assegurado o direito de ser atendida em todas as Repartições Públicas do Poder Executivo Municipal, por todo profissional que atua na recepção de cada instituição, este servidor capacitado para se comunicar em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Habitação- SEMASTH (Parintins, 2022, p. 1).

Aos escritos na Legislação sabe-se que existem Leis voltadas para o direito do Surdo, mas na prática sabemos que ainda há muito a ser realizado, apesar da Lei municipal afirmar que haverá capacitação para os funcionários das repartições públicas, muitas vezes quando o Surdo vai até uma desses locais, não encontra nenhuma pessoa que fale seu idioma e que possa atendê-lo como um cidadão que apenas quer resolver as questões do dia a dia.

Destacamos ainda relacionado ao papel do município de Parintins junto à Comunidade Surda projetos que vem ganhando destaque nas áreas da assistência social, na área da saúde e na área da Educação conforme pesquisa realizada.

1.4 Município de Parintins e a Comunidade Surda

*Aprendi que as folhas falam quando o vento sopra
Aprendi que a água canta quando cai
Sozinha, nunca liguei o ruído à fonte sonora,
Só descobri tudo isso quando alguém me contou
Que maravilha*

Shirley Vilhalva

Consideramos importante trazer para este estudo, pesquisas e ações relacionadas e aos avanços que ocorreram no Município de Parintins /AM, localizado 369 km da capital do estado Manaus, o qual tem a Comunidade Surda organizada e atuante em diferentes esferas da sociedade.

É inegável que a luta da Comunidade Surda não foi e não é fácil em todo o mundo, sempre rodeada de desafios tais como fazer valer seu direito de falar e ser atendida em seu idioma, assim como fazer com que os órgãos públicos cumpram com a legislação e propiciem cursos de capacitação para que os funcionários das diversas repartições públicas possam estar habilitados a atendê-los de forma digna.

Torna-se assim necessário sabermos de fato onde está a Comunidade Surda em Parintins, para tanto discorreremos sobre quatro esferas da sociedade onde tem se notado maior concentração dos membros da referida Comunidade.

1.4.1 Religião

Quando pensamos nos surdos, lembramos automaticamente de se encontrarem ligados a uma religião, haja vista, ser marcante a presença das religiões no histórico dos surdos, pode-se dizer que as instituições religiosas são as principais responsáveis pela “[...] produção da surdez como particularidade étnico-linguística no Brasil” (Silva, 2012, p. 40). De modo que é imprescindível que analisemos as contribuições dessa instituição na trajetória da Comunidade Surda.

E uma das religiões mais reconhecida como tendo forte papel na trajetória do surdo é a Igreja Católica, em algumas partes do Brasil existem missas exclusivas para surdos toda realizada em LIBRAS, com intuito de que estes possam ser ensinados em seu idioma, já em outras as missas são realizadas em português e traduzidas simultaneamente para LIBRAS por um intérprete (Silva, 2012).

Existem paróquias com núcleos de surdos que são ativos nas missas, das quais são traduzidas em tempo real por intérpretes que se empenham em traduzir todas as informações

passadas durante aquele momento de adoração. Neste Município também há a Pastoral do Surdo que tem crescido e acrescido muito a vida da Comunidade Surda, incentivando e ajudando em diferentes campos o desenvolvimento de seus membros.

As religiões protestantes em especial a Batista também teve grande relevância no trabalho de evangelização do surdo por meio da LIBRAS, com a criação de vídeos e publicações que fazem com que o surdo se sinta ativo e como Comunidade conseguem se firmar de maneira mais sólida e significativa (Silva, 2012).

Algumas religiões de matriz protestante possuem núcleos de surdos e intérpretes que tiram tempo para estarem presentes durante os encontros religiosos para aprenderem sobre a bíblia, dentre estas estão a Igreja Batista, a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Assembleia de Deus. Todas elas servem não somente como um templo religioso, mas também como um local de encontro para eles socializarem e manterem um diálogo.

As Testemunhas de Jeová diferentemente das outras religiões não se utilizam hoje em dia de intérpretes em suas reuniões, ela possui congregações que funcionam apenas com o uso da LIBRAS, realiza cursos internos para que os membros novos possam aprender o idioma, produzem publicações, vídeos e a bíblia inteiramente em LIBRAS, para a o ensino dos conhecimentos bíblicos (Silva, 2012).

No Município de Parintins não existe uma congregação de Língua de Sinais e nem um núcleo atuante no momento dessa pesquisa, mas, já houve algum tempo atrás, onde vieram professores de Manaus para realizar um curso de LIBRAS básico para àqueles que quisessem aprender o idioma e dessa forma ensinar os princípios bíblicos aos que assim o quisessem, fato esse que fez com que os surdos da cidade conheçam as Testemunhas de Jeová.

As religiões têm sido de grande valia na trajetória da Comunidade Surda, tem agido como um agente social, pois, é um ambiente de encontro e inteiração social onde seus membros podem conversar incentivando um ao outro e que possam seguir juntos diante das dificuldades.

1.4.2 Educação

Se há um campo que a Comunidade Surda tem conquistado direitos e se encontra em grande número é o educacional, há algum tempo atrás haviam muitas dificuldades, pois, não existiam leis que garantissem aos surdos o direito de uma educação de qualidade que desse real oportunidade para o progresso profissional por meio dos estudos em cada nível, até mesmo as escolas das redes municipal e estadual não viam de bom grado a presença de surdos nas salas de aula.

Mas vale lembrar que com o passar dos anos, a Comunidade Surda foi ganhando espaço em vários âmbitos da sociedade e na educação não foi diferente, por isso é importante que analisemos e possamos dar atenção ao que os autores estudam sobre essa evolução na história da referida Comunidade, como pontua Strobel (2009, p. 7) “com estas investigações permitenos conhecer os acontecimentos e as consequências das transformações pelas quais passou o povo surdo e fornece informações que ajudam a explicar as comunidades surdas atuais” .

Não se pode ignorar que muitos surdos precisaram passar por situações difíceis para alcançarem os cargos que hoje se apropriaram, lembrando que muitas das vezes na trajetória da Comunidade Surda em nosso país isso se deu pela falta de crença em que às pessoas surdas eram capazes de atuar nas diversas áreas educacionais.

No contexto brasileiro temos o grato exemplo no Mato Grosso do Sul aonde uma professora surda que tornou-se diretora recebendo pouco incentivo ou apoio dos outros professores pelo simples fato de pensarem que ela não seria capaz de desempenhar suas funções e obrigações no cargo de diretora, a mesma recorda que:

Como primeira diretora surda do estado de Mato Grosso do Sul em escola Pública representei a Comunidade surda a nível estadual e nacional. Minha experiência inicial como diretora foi muito difícil, pois as colegas professoras e coordenadora não acreditaram que eu poderia atuar, lembro-me que as perguntas eram: “Shirley você é surda, vai participar de reunião?” “Como você vai fazer reunião?” “Como vai atender telefonemas, como..., como...?” (Vilhalva, 2004, p. 59).

Vilhalva conseguiu superar e ganhar destaque dentro do campo da Educação e não apenas por ser surda, mas, por fazer um trabalho de excelência desenvolvendo e trazendo melhorias para o seu campo de atuação desempenhando seu papel de diretora com maestria.

Assim como Vilhalva muitas pessoas surdas ao redor do mundo também conseguiram se consolidar por meio da educação superando todos os desafios que são próprios da profissão e também aos que são comuns aos surdos, mas, precisaram lutar contra o preconceito e falta de credibilidade por parte daqueles que desconhecem as muitas possibilidades que estão disponíveis aos surdos.

Entre os nomes mais conhecidos e bem sucedidos podemos elencar Emmanuelle Laborit uma pessoa surda que se tornou escritora, atriz e diretora do Teatro Visual, Helen Keller surda e cega foi escritora, filósofa, jornalista e conferencista, Pierre Douglas que foi escritor, Sueli Segala escritora, intérprete e atriz e Carlos Skilar escritor e pesquisador, pela trajetória de cada pessoa surda dessa, pode-se ver como a educação tem um papel fundamental e propulsor no desenvolvimento do ser (Academia de Libras, 2019).

Por meio de pesquisas conseguimos compreender qual o caminho a Comunidade Surda precisou trilhar para que hoje ela possa está nas escolas de educação básica e no ensino superior, hoje existem profissionais surdos, professores, mestres e doutores que tem galgado e alcançado reconhecimento de forma individual e especialmente coletiva por meio da Comunidade Surda.

Em Parintins essa história perpassa por várias fases também, desde o início lá quando não haviam escolas que ensinassem a LIBRAS e até proibida até hoje que já existem vários surdos no ensino superior e muitos formados e trabalhando na área.

1.4.3 Saúde

Todas as pessoas necessitam de acesso a atendimentos médicos e vale ressaltar que é uma ocasião de grande dificuldade, e para os surdos ao procurar uma instituição de saúde, seja um hospital de pronto atendimento, seja uma Unidade Básica de Saúde (UBS), são ainda maiores, a restrição da oralidade é o que diferencia o surdo das demais pessoas, mas as carências em saúde são as mesmas que os ouvintes, assim como o direito a um atendimento digno e de qualidade.

Sabemos que hoje o acesso ao atendimento de saúde não é uma tarefa fácil em nosso país, no Município de Parintins não é diferente, apesar de existir inúmeros postos de UBS ainda é uma tarefa que exige uma chegada de madrugada para conseguir uma ficha para poder receber o atendimento necessário à saúde, agora imagine uma pessoa surda que também precisa ir cedo até uma UBS e quando começa o atendimento não há ninguém que a entenda, não tem nenhuma pessoa que possa responder às suas perguntas e nem um profissional que consiga compreender qual o problema de saúde ela está apresentando.

Pode-se até pensar que ao se dirigir a uma UBS ou outro posto de atendimento o surdo precisa levar consigo alguém que possa auxiliá-lo, é aí que a legislação precisa ser aplicada já que a mesma garante o atendimento em todos os órgãos inclusive nas UBS, ou seja, é necessário que tenha pelo ao menos um profissional que fale a Libras para que possa dar um atendimento digno e igualitário à pessoa surda.

E devido as lutas da Comunidade Surda por seus direitos e a pressão para que o Estado faça com que a legislação seja de fato efetivada, nota-se que já há uma preocupação no que se refere a capacitação de profissionais da área da saúde oportunizando aos mesmos mecanismos para que possam atender seu público de maneira digna e exitosa.

É fato que muitas pessoas nas instituições pensam que a Libras deva ser usada apenas na Comunidade Surda e que ao se deparar com uma pessoa surda em uma UBS por exemplo

sentem grande dificuldade de se comunicar e assim se utilizam de outros modos para entendel-as como afirmam Valente, Amoêdo e Nascimento (2017, p. 5):

[...] dessa forma os ouvintes implementam estratégia de diálogo, na tentativa de estabelecer uma comunicação e entender a mensagem que lhe é repassada através da língua de sinais, entre os mecanismos mais comuns estão a leitura labial, escrita e auxílio de familiares e aplicativos

Embora tentem de todas as formas se comunicar, de fato quem enfrenta maior dificuldade é a pessoa surda que não consegue ser compreendida por aqueles de quem precisa de um atendimento ou uma resposta. Diante dessas situações é que os profissionais da saúde buscaram se qualificar para que possam desempenhar um trabalho de qualidade, já que devido as muitas dificuldades de comunicação que os surdos encontram ao se dirigir a uma UBS eles evitam ir em busca de tratamentos.

Todavia, mesmo com as dificuldades, temos a legislação que ampara os surdos no que tange ao atendimento à saúde, o Sistema Único de Saúde –SUS está debaixo dessa lei não somente para o atendimento em si, mas, também ao fato de propiciar capacitação para os profissionais de saúde. É o que garante a legislação reafirmada por meio de decreto que preconiza no capítulo VII do Decreto nº 5.296, de 2005:

IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação;

X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação (Brasil, 2005, p. 6).

A Comunidade Surda vem ganhando espaço e conseguindo que suas necessidades sejam olhadas com maior atenção e preenchendo lugares que são seus por direito, a luta da referida Comunidade impele não só seus membros a requererem seus direitos como os poderes governistas a se movimentarem e encontrarem meios para que seus cidadãos tenham dignidade em suas vivências.

Parintins vem tendo iniciativas com intuito de fazer valer o que a Lei dita e proporcionar atendimento digno e de qualidade às pessoas surdas, e isso evidencia-se pela parceria firmada entre a Secretaria de Saúde de Parintins e a Universidade do Estado do Amazonas-UEA, onde busca-se promover o Curso de Introdução de Libras para os profissionais da rede de saúde do Município de Parintins.

As ações atendem a propostas do Plano Municipal que visa propiciar acessibilidade no atendimento aos surdos que buscam por atendimento em qualquer um dos postos de saúde, a UEA tem um papel muito importante nessa formação haja visto serem os próprios surdos que são estudantes ou os que já formaram que dão a formação aos profissionais, o que faz com que sejam passados os sinais na forma mais fidedigna possível dentro de seu idioma.

A necessidade de interação com a comunidade surda não deve ser uma imposição dos governos devido a legislação, mas uma iniciativa de formação dos profissionais de saúde para que consigam se comunicar com os surdos, durante os atendimentos realizados em hospitais, UBS e nas próprias residências pois:

A comunicação é primordial para o profissional da saúde, pois, é através da comunicação que se auxilia o usuário a compreender o mecanismo do adoecimento, repassa orientações sobre as formas de tratamento, explica os cuidados necessários e auxilia a descobrir novos padrões de comportamento que o beneficie (Valente; Amoêdo; Nascimento, 2017, p. 9).

Os surdos assim como qualquer outro paciente precisam sentir-se seguros ao serem atendidos em unidades de saúde, é preciso que eles confiem no profissional e que esse seja capaz de comunicar-se com eles de modo a passar todas as informações necessárias à sua saúde sem que seja preciso uma terceira pessoa interpretando seu diálogo causando desconforto em um momento que por si só já é delicado.

Ainda em Parintins as ações para que esse desconforto no que refere se ao atendimento a pessoa surda, tem havido uma preocupação por parte das autoridades locais juntamente com parceiros médicos voluntários, onde estes deram início ao Projeto Saúde Auditiva de Parintins no ano de 2019 que visa orientar a pessoa surda.

Dentro desse Projeto objetiva-se também selecionar, doar e adaptar aparelhos auditivos àqueles que com o auxílio dos mesmos conseguem escutar algo, é um projeto de grande valia pois para a pessoa surda que opta por fazer uso do aparelho auditivo é ciente que esses são muito caros e alguns deles não dispõe dos recursos para comprá-los, e vale ressaltar que o referido projeto se estende também as áreas rurais e indígenas de Parintins.

Desse modo a Comunidade Surda tem conseguido alguns avanços nesse campo, mas ainda se faz necessário melhorias especialmente no que se refere a capacitação de profissionais de saúde habilitados para comunicar-se e atender de fato todas as pessoas que buscam os serviços de saúde.

1.4.4 Cultura

Não se pode falar da Comunidade Surda em Parintins sem falar da Cultura, pois, essa é uma das áreas onde se necessita a inclusão já que a “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade[...]” (Santos, 2006 p. 23), de modo que se fez necessário dar atenção a esse aspecto para que os surdos se sintam parte da sociedade onde vivem.

Parintins é um dos Municípios do nosso país mais falado quando o quesito é cultura, isso devido ao Festival Folclórico que atrai aproximadamente umas cem mil pessoas que vem em busca de conhecer esse festival tão falado e divulgado por todas as partes nos mais diversos meios de comunicação.

No ano de 2019 os Bois Bumbás de Parintins foram considerados Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, uma festa que faz com que a cidade seja dividida nas cores vermelha do boi Garantido e azul do boi Caprichoso, momento em que muitos olhos se direcionam para o que é considerado maior espetáculo teatral a céu aberto.

Desde a década de 1960 a disputa entre os bumbás tornou-se oficial, antes era uma brincadeira de rua que foi ganhando fama e se tornou o festival que hoje é reconhecido mundialmente. E para os surdos esse evento era apenas observar o que acontecia naquela apresentação e os elementos contidos nela sem compreender o que eram aquelas alegorias, imagens e as toadas (músicas cantadas por cada boi bumbá), mas com a visibilidade do festival e a consolidação da Comunidade Surda em Parintins, os surdos desejaram também ocupar aqueles espaços e conhecer as letras das toadas.

Pensando nisso em 2017 a Maná Produções, Comunicação e Eventos, apoiada pelo Ministério da Cultura e Secretaria de Estado da Cultura (SEC) tiveram a iniciativa de interpretar via telão os acontecimentos do festival e especialmente as toadas, pois os surdos ficavam olhando somente os ouvintes cantando, pulando e se divertindo sem entender o que era dito, mas, com essa iniciativa puderam acompanhar tanto nos currais (locais de ensaio dos Bois Bumbás) como no Bumbódromo (local onde acontece a disputa).

Isso fez com que com os mesmos pudessem se apropriar da cultura da sociedade a qual estão inseridos, alguns deles até gravam imagens para divulgar em chamadas do festival que ocorre sempre na última semana do mês de junho.

Há também cursos que acontecem no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro que buscam fazer com que aconteça a inclusão dos surdos em cursos como o de teatro, percussão,

desenho e fotografia, eles vêm participando de forma significativa, conhecendo e interagindo em tudo o que desejam.

1.5 A importância do interprete de libras para a Comunidade Surda

*Mas
Sinto muito por quem
nunca teve tempo
nunca olhou para uma criança para ver algo diferente
não percebe que ela precisa
da sua atenção, da sua palavra,
da sua compreensão e do seu AMOR.*

Shirley Vilhalva

Apesar de não termos citado anteriormente a figura do interprete de Libras, este profissional é de fundamental importância para Comunidade Surda, a considerar que em todos os espaços nos quais os surdos estão incluídos faz se necessário o profissional intérprete, para que este possa mediar a comunicação com aqueles que não falam a Libras.

É imprescindível que se entenda que o profissional intérprete nas repartições públicas e particulares é algo regulamentado por lei, porém, a realidade é diferente na maioria dos locais que são frequentados pelos surdos que muitas das vezes precisam levar consigo um intérprete, amigo ou familiar para que possa ser atendido e compreendido pelos atendentes destes locais. Por isso a presença desse profissional é essencial à comunicação dos surdos com os ouvintes e tem sido cada vez maior a chegada deste na Comunidade Surda.

1.5.1 O reconhecimento da profissão

Por muito tempo o surdo buscou meios de se comunicar com os ouvintes, seja por gestos, expressões e escrita, porém, com surgimento de um ouvinte que falasse a Libras e atuasse como mediador de comunicação entre o surdo e o ouvinte seu entendimento e compreensão dos acontecimentos da realidade que o cerca se tornou revelador oportunizando este se inserir em qualquer lugar que tenha vontade.

Em 1º de setembro de 2010 foi sancionada a Lei nº 12.319 que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a qual preconiza no Art. 1º “Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS” (Brasil, 2010, 1).

Por muito tempo a pessoa que auxiliava o surdo na interação com o ouvinte tinha apenas um papel assistencialista não demonstrando domínio de fato sobre a Libras, porém hoje o intérprete desempenha um papel muito claro como bem destaca Marcon (2012, p. 238):

O tradutor/intérprete de Libras é o profissional que interpreta e traduz a mensagem de uma língua para outra de forma precisa, permitindo a comunicação entre duas culturas distintas. Ele possui, assim, a função de intermediar a interação comunicativa entre o surdo e a pessoa que não usa a Libras.

E tem sido um divisor de águas para a Comunidade Surda o surgimento desse profissional, visto que, tornou possível ao surdo interagir cada vez mais nos diversos espaços com as pessoas que estes precisam manter contato e resolver questões de seu dia a dia, propiciando diálogo e interação entre todos que o circunda.

Vale ressaltar que ser intérprete não é apenas repassar informações, pois, isso envolve todo um preparo e planejamento para que possa de fato cumprir o papel que é de fazer com que as discussões sejam realizadas de forma assertiva e clara tanto para o surdo como para aquele que não faz uso da Libras.

É por meio do intérprete em Libras que se tornou possível a inclusão do surdo em especial no meio educacional, pois, “[...] é por meio deste profissional que se dá ao aluno o direito de ser ensinado em sua língua [...]” (Rezende *et al*, 2020, p. 26) o que lhe proporciona meios de comunicação fazendo com que este possa compreender os diferentes assuntos e se fazer entender sobre suas concepções e percepções da realidade ao qual está inserido.

É importante pontuar que a presença do intérprete de Libras na Comunidade Surda não resulta apenas em inclusão do surdo no meio acadêmico, mas, propicia a possibilidade deste encontrar seu lugar na sociedade como um todo, usufruindo de tudo aquilo tiver interesse, pois depois de tanto tempo de exclusão e apartado do “mundo” este profissional tornou “[...] possível que o silêncio de tantos anos seja quebrado e ecoe a voz sedenta por conhecimento e integração social” (Rezende *et al*, 2020, p. 29) que tanto tempo foi almejado pelo surdo por querer se fazer entender e pelo ouvinte por buscar compreender e manter um diálogo.

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

Esse capítulo se refere a todo o processo de pesquisa acerca da temática abordada, o que envolve a natureza da pesquisa, a abordagem, o tipo de meio e a coleta de dados assim como todo e qualquer outro fator relacionado ao percurso realizado para a obtenção de todas as informações relevantes.

2.1 Caminho percorrido para a aquisição dos fatos

Este estudo é de natureza qualitativa, pois segundo Martins (2004, p. 289) a mesma “[...] é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados [...]”. A escolha por essa natureza de pesquisa se deu devido ao fato que a mesma tem por características a busca da compreensão de um fenômeno no próprio ambiente onde se encontra, nesse processo o investigador se torna o próprio instrumento que trabalha na busca dos dados e informações, visando sempre o processo que nos levam às contribuições para o estudo sobre a trajetória de um grupo e todo o seu percurso através do tempo que deu origem à Comunidade Surda. Dentro dessa perspectiva esse estudo se vale do:

Método fenomenológico, tal como foi apresentado por Edmund Husserl (1859-1938), propõe-se a estabelecer uma base segura, liberta de proposições, para todas as ciências. Para Husserl, as certezas positivas que permeiam o discurso das ciências empíricas são "ingênuas". A suprema fonte de todas as afirmações racionais é a "consciência doadora originária[...]" (Gil, 2008 p. 14).

A escolha por essa abordagem se deu pelas concepções de que todos os fenômenos do mundo devem ser pensados a partir das percepções mentais de cada ser humano, ou seja, a fenomenologia não vai seguir uma orientação que possa ser derivada de fatores externos ou internos, mas sim pela realidade da consciência, ou seja, para aquilo que é manifestado imediatamente na consciência, conseguida por uma intuição.

Nesse estudo sobre a Comunidade Surda é essencial saber que “[...] a fenomenologia não se preocupa, pois, com algo desconhecido que se encontre atrás do fenômeno; só visa o dado, sem querer decidir se esse dado é uma realidade ou uma aparência” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 35), pois como anseia-se registrar como a referida Comunidade caminhou até os dias de hoje essa abordagem é de grande valia nessa fase do estudo e registro referente ao percurso.

Como procedimento técnico temos o estudo de caso pois como afirmam Prodanov e Freitas (2013, p. 60) “o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa[...]”, e o que buscamos é de fato estudar os aspectos e as vivências da Comunidade Surda em Parintins junto aos seus membros, vale ressaltar que o estudo de caso não se caracteriza apenas como meio de coleta de dados ou mesmo um planejamento mas pode-se dizer que é uma estratégia de pesquisa mais abrangente (Prodanov; Freitas, 2013, p. 62), o que nos favorece em nosso estudo já que essa técnica nos permite utilizar diferentes métodos de coleta como as entrevistas, questionários e narrativas que são relevantes para a coleta de dados referente à Comunidade Surda.

Esta pesquisa é do tipo narrativa, pois “supõe uma sequência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos presenteia com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar[...]” (Prado; Soligo, 2005, p. 3), ou seja, busca contar fatos interligados que vão acontecendo ao longo de certo tempo e possuindo elementos específicos.

E para isso a coleta de dados será realizada por meio de relatos espontâneos e entrevistas, já que “a entrevista é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema [...]” (Prodanov; Freitas; 2013, p. 106), momento no qual se colocam informações relevantes para o estudo fazendo com que o mesmo possa alcançar seu objetivo no que tange fazer o resgate histórico da Comunidade Surda.

E para tanto essa entrevista é não padronizada isso porque “[...] não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção [...]” (Prodanov; Freitas; 2013, p. 106) dando assim a oportunidade para a pessoa entrevistada de ficar à vontade para se expressar acerca de suas concepções do tema abordado.

Para o contexto e o sujeito desse estudo temos a Comunidade Surda de Parintins por meio dos membros que dela fazem parte, que como já citado a Comunidade Surda não é composta apenas por surdos, mas, também tem como membros ouvintes, que são os intérpretes, professores e pessoas que são empenhadas na causa e que se utilizam da Libras.

E para os aspectos éticos e sociais será utilizado consentimento institucional e pessoal, e será dado um retorno aos sujeitos da pesquisa por pensar na elaboração de uma linha do tempo pontuando o contexto histórico da referida Comunidade.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Esse capítulo visa demonstrar as narrativas dos membros da Comunidade Surda sobre sua história e memória no decorrer dos anos, como registrar suas experiências perpassando por suas lutas, desafios e conquistas acerca de se encontrar enquanto cidadão e um sujeito capaz de realizar tudo o que almeja, sendo conhecedor de seus direitos e deveres como membros ativos de uma comunidade.

3.1 Comunidade Surda e sua firmação nas diferentes áreas

*A Língua de Sinais é, nas mãos de seus mestres,
Uma linguagem das mais belas e expressivas*

J. Schuyler Long

É notório que cada vez mais surdos estejam presentes em vários espaços participando de inúmeras atividades no âmbito, social, cultural, educacional e religioso, demonstrando como a Comunidade Surda tem se firmado e alcançado o lugar lhe é de direito enquanto parte de uma sociedade democrática que tem se esforçado para fazer acontecer a inclusão em seus múltiplos setores.

3.1.1 Entendimento de Comunidade Surda

É imprescindível afirmar que o entendimento referente a Comunidade Surda ainda é complexo, fazendo com que diferentes respostas e conceitos sejam expressados, alguns por falta de conhecimento do termo “Comunidade” e outros por não entender que os surdos fazem parte de uma Comunidade. No entanto entendemos que conceitos e pré-conceitos são vistos de vários ângulos, alguns do conhecimento e outros pela falta dele, por isso foi importante para este estudo ouvir membros da referida Comunidade perguntando sobre: *o que se entende por Comunidade Surda?*

Destacamos assim uma das primeiras narrativas realizadas no âmbito da pesquisa tendo o professor universitário Silva que é uma pessoa surda e apresentou suas concepções ao dizer que entende a Comunidade surda como sendo:

Considerando eu como surdo e faço parte dessa comunidade a qual denomino como “Um grupo de surdos e ouvintes que interagem em Língua de Sinais, se reúnem é identificado pelo sinal, todos são conhecidos, pratica a

Libras, então todas as pessoas que usam a Libras conhecidos uns dos outros (Silva, 2023, grifo nosso).

Ao observarmos os membros da Comunidade surda conversando estão sempre fazendo uso da Libras, independente se são surdos ou ouvintes, a narrativa de Silva (2023) corrobora com a fala de Santos e Molon (2014, p. 306) pontuando que “[...] a comunidade surda é compreendida como dimensão espaço/temporal, como espaço relacional onde os surdos e os indivíduos que usam a Libras podem interagir, compartilhar vivências, experiências [...]”.

A Comunidade Surda vem tornando-se um grupo de grande incentivo aos surdos, pois de fato notamos que estes se sentem muito bem e acolhidos quando estão com seus pares, ou seja, quando encontram aqueles que fazem uso da Libras, pois, dessa forma conseguem se comunicar, trocar experiências, trazendo assim aprendizado e dignidade às suas vivências.

Adentrando as demandas da Comunidade Surda e as pessoas que fazem parte dessa comunidade, nos reportamos as experiências dentro de sua igreja e convívio com os surdos e sendo esta membro da Comunidade Surda, conversamos com a intérprete a Sra. Maia que por sua experiência expôs sua concepção em relação a Comunidade Surda no âmbito religioso:

A Comunidade Surda é aquele grupo que a gente tem a ideia que é só surdo né? Mas não, eu vejo que a Comunidade Surda ela tem uma força que ela não entende que ela tem ainda, mas, a Comunidade Surda é aquele grupo de pessoas que são familiares que na comunicação fazem uso da língua de sinais, onde estão os surdos claro né alguns, tem alguns surdos que ainda não se apropriaram da língua que é triste, essas pessoas que participam a família, pode ser também intérprete, professores de Libras, amigos dos surdos pessoas que conseguem se comunicar que tem alguma entrada na comunidade (Maia, 2023, grifo nosso).

Notavelmente assim como o professor Silva (2023), a intérprete Maia (2023) ressalta que as pessoas membros da Comunidade Surda fazem uso e se comunicam pela língua de sinais, pois, como afirma Strobel (2008, p. 44):

“A Língua de Sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo [...], é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição do conhecimento universal.

Todavia é inevitável destacar que a Comunidade surda não é composta apenas por pessoas surdas, como anteriormente havíamos citado, a Comunidade Surda pode ser bem mais ampla do que se imagina, esta abriga várias pessoas que participam e são consideradas membros ativos do grupo, esse entendimento alinha-se com o que Santos e Molon (2014, p.

310) argumentam ao dizer que “[...] existem ouvintes que também participam dela, como, por exemplo, parentes de surdos, intérpretes de línguas de sinais, bem como interessados da comunidade em geral [...]”

Observamos ainda que tem sido crescente o número de pessoas que tem buscado aproximar-se da Comunidade Surda por diferentes motivos que vão desde parentes a amigos que querem se comunicar e compreender as vivências com o surdo até a aqueles que aprendem a Libras e se integram a Comunidade Surda.

É importante que se apresente para este estudo a visão do intérprete Sishan, que desenvolve um trabalho tanto na educação como na religião afrente da pastoral do surdo e que tem desempenhado um trabalho de inclusão significativo, de modo que o mesmo demonstra seu entendimento de Comunidade Surda, ao comentar que:

A Comunidade Surda é um conjunto, quando a gente fala de Comunidade a gente não abrange somente os surdos, mas também as pessoas que estão ali envolta, por exemplo os intérpretes fazem parte da Comunidade Surda os usuários da língua fazem parte da Comunidade Surda, todas aquelas pessoas que tem contato com o surdo que se comunica e que usa a língua de sinais com essa comunicação fazem parte da Comunidade Surda, então tem os surdos ali que são os protagonistas, tem os intérpretes e tem os usuários da língua e colaboradores né? Pessoas que estão ali, por mais que não saibam Libras mas estão ajudando, por exemplo a família, há famílias que tem pessoas idosas que tem dificuldade para aprender a língua de sinais, mas, estão ali ajudando a Comunidade sempre que precisa (Sishan, 2023).

O fato de pessoas que não falam Libras está inserida na Comunidade não a descaracteriza, isso porque, apesar de o surdo ser o protagonista desse grupo, é notável que muitas pessoas de diferentes esferas e realidades tem adentrado cada vez mais na mesma, corrigindo assim o pensamento errôneo de que:

Quando se fala em comunidade surda, parece que isso implica que só há surdos na comunidade. Não é bem o que acontece. Na verdade, das comunidades surdas geralmente fazem parte, além dos próprios surdos, motivo principal da própria existência da sociedade, parentes, profissionais ou ainda surdos que vêm de outros lugares e que ainda não aprenderam toda a L da comunidade (Couto, 2005, p. 209).

A Comunidade Surda é algo bem mais abrangente do que apenas um grupo de pessoas, o que faz com que o próprio surdo possa interagir com inúmeras pessoas de formações diferentes, mas que tem em comum o sentimento de luta e afirmação da Comunidade Surda na sociedade, o que agrega ao mesmo conhecimentos e vivências diversificadas.

No que refere-se ao âmbito da saúde, referida não poderíamos elencar entendimentos sobre Comunidade Surda sem ouvir pessoas deste campo tão relevante a referida Comunidade, por isso, ouvimos uma enfermeira Valente, que atua como coordenadora da função básica de saúde que demonstra a concepção da área da saúde referente ao desenvolvimento, crescimento e afirmação. De modo que enfermeira Valente (2023), expressou seu entendimento ao fazer suas colocações apontando que:

Apesar de está denominado como Comunidade Surda, são pessoas como todos os outros só que eles tem singularidade que é a questão da falta de audição, então através dos movimentos deles mesmos, criaram a Comunidade, que aí eles tem a singularidade tanto na comunicação, tanto no meio social diferenciado. Né? Mas são pessoas normais como a gente, só tem uma necessidade diferenciada que é a questão da audição e a fala com eles a socialização com eles que é diferenciada que é por sinais, através das Libras. Mas, eu vejo eles como um movimento muito ascendente, cada vez mais eles tem tomado espaço, tem conquistado espaço no meio da sociedade, tanto acadêmico, como no lado da saúde em fim em todas as formações.

Temos um entendimento interessante de Valente (2023), por ser da área da saúde parte da premissa que a única diferença entre os surdos e os ouvintes é a falta da audição, mas que em todos os outros campos as atividades se desenvolvem de modo exitoso onde os mesmos buscam lutar e se firmar quanto Comunidade, o que corrobora com as colocações de Felipe (2007, p. 82) quando afirma que:

[...] Uma Comunidade Surda não é um “lugar” onde pessoas deficientes, que têm problemas de comunicação se encontram, mas um ponto de articulação política e social porque, cada vez mais, os Surdos se organizam nesses espaços enquanto minoria lingüística que lutam por seus direitos lingüísticos e de cidadania, impondo-se não pela deficiência, mas pela diferença.

Avaliamos que tem sido progressiva a afirmação da Comunidade Surda em meio a sociedade, o que evidencia seu papel social na vida de cada membro, elevando o nível de conhecimento não somente no campo acadêmico como no reconhecimento de seus direitos, deveres, desafios e conquistas, propiciando dignidade e desenvolvimento, social, cultural e individual.

Mediante os entendimentos e perspectivas do que vem a ser Comunidade Surda pelos entrevistados, se faz necessário que se analise e acompanhe a narrativa destes e de outros sobre as diferentes áreas onde se encontra a mencionada Comunidade, seja a religião, a saúde, a educação e a cultura.

3.2 O curso da educação para a Comunidade Surda

*É irrefutável a importância que tem a Educação
Para o desenvolvimento social da nação*

Shirley Vilhalva

Como já mencionado anteriormente a história dos surdos se entrelaça com a história da educação, pois foi a partir de proibições, lutas e resistências que conseguiram alcançar visibilidade e conquistar direitos por todo o mundo. No Município de Parintins não foi diferente, foi por meio da educação que os surdos foram notados dando início a uma trajetória de reivindicações e busca por reconhecimento.

3.2.1 A primeira Escola

Frente a realidade das crianças surdas, o Pe. Emilio Butelli deu início a uma organização de uma escola que pudesse atender educacionalmente a estes, embora que não tivesse muita noção do que fazer ou de didática referente ao assunto, possuía a vontade de sobra para ajudar aquelas crianças que tanto precisavam de alguém que proporcionasse um ensino de acordo com sua necessidade.

A primeira ação do Pe. Emilio Butelli foi levar a situação de um quantitativo considerado de crianças surdas ao bispo da Diocese da época que reportou para Unidade Educacional do Estado em Parintins, sob a direção da Prof^a. Aldair Kimura Seixas, que por sua vez ao tomar ciência do fato entrou em contato com a Secretaria de Estado que lhe informou que deveria ser indicado uma professora para que fosse até a cidade de Belém no estado do Pará para que pudesse ser capacitado na Educação Especial para assim trabalhar com os surdos.

De modo que por ser reconhecida ao desenvolver um excelente trabalho em sala de aula, foi escolhida a professora Zilda Tavares para ir ao estado vizinho e assim receber a capacitação para realizar o trabalho com os alunos surdos. Ao retornar para Parintins a professora Zilda Tavares repassou a outros professores os conhecimentos adquiridos durante sua capacitação, para que pudesse assim atender os 42 alunos que aguardavam por uma escola que pudessem estudar.

Dessa forma em 17 de abril de 1982 foi criada a primeira escola de Educação Especial de Parintins, destinada a atender os alunos Surdos, esta ficava localizada no bairro de Santa Clara, com uma estrutura problemática, sem recursos humanos, materiais didáticos entre outros, recebendo o nome de Escola Santa Izabel, já que, antes o prédio era destinado para o retiro dos

hansenianos e denominado como Vila Santa Izabel, um pouco mais tarde passou a se chamar escola Áudio Comunicação.

Por alguns anos os trabalhos da Escola Santa Izabel foram liderados pelo Pe. Emilio Butelli, mas por ter vários afazeres e responsabilidades dentro da Igreja, ele precisou passar a direção para outra pessoa sendo este o Pe. Francisco Luppino (hoje já falecido) que desenvolveu um trabalho de excelência que até hoje é lembrado por todos aqueles que pensam na primeira escola voltada para a educação dos surdos.

No ano de 1988 no dia 26 de agosto a Escola Áudio e Comunicação saiu do bairro de Santa Clara e passou a funcionar em um novo endereço Avenida Nações Unidas no centro da cidade com o nome Escola de Áudio e Comunicação Pe. Paulo Manna, onde funciona até os dias atuais, com uma estrutura predial completa com sala de aulas, teatro e até piscina, e sob a direção do Pe. Luppino houve um grande desenvolvimento da escola, isso porque este buscou por parcerias de outros estados para que pudesse haver investimento e principalmente capacitação para os professores que trabalhavam no dia a dia com os alunos surdos.

O que antes era uma escola apenas para surdos agora se tronava uma escola que receberia pessoas com outras deficiências de modo acolhedor conseguiu dar continuidade em parceria com a Diocese de Parintins e a Prefeitura Municipal, não oferecendo aulas conteudistas mas também com outras atividades com o enfoque na socialização dos alunos no contra turno.

Na trajetória da educação para os surdos em Parintins é evidente a contribuição da Igreja que por meio de seus membros fizeram com que acontecesse de fato o progresso na vida das pessoas surdas, mesmo que o início na Escola Santa Izabel tenha sido ainda precário por motivos predial, materiais didáticos e profissionais, mas, foi aos poucos evoluindo e com a ajuda da Igreja conseguiu alcançar o patamar de escola onde abarca alunos com suas respectivas especificidades.

Figura 1: Pe. Francisco Luppino.



Fonte: Site FIEAM Notícias (2019)

Figura 2: Professora Zilda Tavares.



Fonte: Blog do Octávio Pessoa (2017).

Figura 3: Escola Pe. Paulo Manna.



Fonte: Site Rádio Alvorada de Parintins (2021).

3.2.2 O choro do inocente e um olhar sensível

O cuidado com o surdo sempre partiu de um olhar sensível oriundo geralmente dos religiosos, em Parintins a história se repete, e neste estudo mostraremos a narrativa do Padre Emílio Butteli que demonstra como deu-se esse início do interesse pelo surdo e sua educação.

O Pe. Emilio Butelli nos relatou o que lhe chamou atenção e qual foi sua atitude diante do que presenciou durante uma de suas visitas missionárias, vejamos abaixo sua narração:

Tudo começou quando eu andava por uma comunidade no igarapé no Mamuru e numa visita durante a celebração, eu vi uma menina, uma criança na primeira fila, que durante os cantos todo mundo cantava naquele tempo, hoje não mais, ela não cantava e chorava diferente. Aí perguntei dos pais e disseram ela é "surda e muda". Aí eu pensei que negócio é esse? E tinha no barco um fone de ouvido e um pequeno amplificador, coloquei no microfone aí comecei a falar "AAAAAA", aí ela arregalou os olhos e continuei falando "OOOOOO" "EEEEEEEE", descobri que ela tinha um resíduo de audição. Chegando na cidade perguntei por aí me disseram que tinham muitas crianças com esse problema, verifiquei que a maioria tinha resíduo de 2% ou 3% (Emilio Butelli, 2023).

Vemos como um olhar sensível e atento mudou toda uma história não só daquela menina lá na comunidade do Mamuru, mas de muitas outras crianças que usufruíram de tudo aquilo que derivou daquele gesto diante daquele choro silencioso, isso porque, depois que Pe. Emilio Butelli iniciou sua pesquisa com relação as crianças que eram surdas este começou a se questionar como essas crianças seriam educadas, já que, não haviam escolas que atendessem crianças surdas.

De modo que o Pe. Emilio resolveu agir para que aquelas crianças saíssem da inércia que viviam assim como aquela menina que só olhava o que acontecia nas celebrações da igreja

sem nada entender, foi então que surgiu a ideia de criar uma escola que pudessem atender as crianças surdas.

Figura 4: Pe. Emilio Butelli primeiro a pensar a educação para os surdos.



Fonte: Site Rádio Alvorada de Comunicação (2021).

3.2.3 A evolução e construção de uma nova realidade

A partir dos esforços de muitas pessoas que acreditaram na educação como meio de evolução pessoal e profissional, os surdos foram cada vez mais ocupando espaços dentro dos ambientes escolares, não estudando apenas com surdos, mas também partindo para a educação em escolas do ensino regular juntamente com alunos ouvintes, pois, ansiavam cursar séries mais avançadas que não eram oferecidas na Escola “Pe. Paulo Manna”.

Com esse anseio, houve professores que resolveram encarar esse desafio e aceitar na escola de ensino regular surdos que queriam aprender mais, entre estes ouvimos a professora Vasconcelos, que ainda atuando professora da Escola Estadual “Brandão de Amorim” tomou a linha de frente e apoiou a proposta de receber alunos surdos para que estudassem naquele educandário, mesmo sem possuir um treinamento específico.

Sobre esse fato pioneiro na cidade, a professora Vasconcelos narra como se deu esse processo, o quantitativo de alunos e o ano que começaram a receber alunos surdos para estudar na escola, quais foram as dificuldades e que conquistas e apoios tiveram diante de tal iniciativa que em muito contribuiu para o desenvolvimento em vários campos da vida dos surdos membros da Comunidade Surda em Parintins. Então vejamos os relatos da professora Vasconcelos ao responder a pergunta: *em que ano a Escola Brandão de Amorim começou a receber os alunos surdos mas suas aulas regulares e quantos alunos ingressaram na época?*

Se eu não me engano na década de 1990, nos anos de 1992 e 1993 que teve início. E quando o Brandão começou a receber alunos surdos, nós recebemos poucos alunos nós começamos com cerca de três ou quatro alunos na primeira turma (Vasconcelos, 2023).

Notamos que a priori foi um número bem modesto, mas, que foi muito significativo diante do anseio dos alunos por dar continuidade em seus estudos, haja vista, ser uma experiência não vivida por estes até aquele momento, e na década de 1990 alunos surdos em escolas de aulas regulares em Parintins era algo nunca visto e pensado por poucos.

Depois de contar estes dados iniciais a professora Vasconcelos (2023) deu continuidade à sua narrativa quando lhe foi perguntado: *como surgiu a ideia de matricular pessoas surdas no “Brandão de Amorim” uma escola de ensino regular?*

A professora Zilda que era diretora da Escola de Áudio e Comunicação, os pais iam lá com ela quando terminavam as aulas, porque a Áudio e Comunicação atendiam os meninos de 1ª à 4ª série, porque de primeiro era assim não tinha 5ª série, aí eles queriam dar continuidade nos estudos, e ela já tinha recorrido a várias escolas e nenhuma delas queria aceitar por conta da condição deles e também porque naquela época nenhuma escola estava preparada nem os professores. E aí quando ela procurou a escola Brandão de Amorim, na época ainda era o professor Fernando Dias que era gestor e eu dava aula e era coordenadora pedagógica e nós aceitamos. A primeira vez ela foi lá perguntar se nós aceitávamos, porque ela tinha esses meninos e se nós poderíamos aceita-los. [...] nós aceitamos no escuro para que os meninos tivessem essa possibilidade (Vasconcelos, 2023).

Notamos aí o interesse dos surdos em dar seguimento à sua educação e pessoas que abraçaram a causa mesmo sem ter ou saber exatamente como fazer, mas, cientes que precisava ser realizado algo em prol daqueles estudantes que queriam avançar no sentido educacional.

O que corrobora com própria história dos surdos ao redor do mundo e sua luta pelos seus direitos, quando “na antiguidade, os sujeitos surdos eram estereotipados como ‘anormais’, com algum tipo de atraso de inteligência [...]” (Strobel, 2006 p. 247), desmerecendo sua capacidade cognitiva e intelectual, sendo que estes são completamente capazes de estudar e compreender os conteúdos trabalhados nas escolas.

Como um projeto pioneiro, este também passou por dificuldades diante da magnitude e ousadia, já que receber alunos surdos em uma escola regular sem passar por uma formação era algo totalmente novo, mesmo para professores com anos de docência. Por isso, pensamos ser necessário ouvir o relato a partir do seguinte questionamento: *houve desafios ou vocês enfrentaram alguma oposição de alguém ou mesmo do sistema ou Estado para efetivar essa matrícula dos alunos na Escola “Brandão de Amorim”?*

Não, a gente recebeu esses alunos assim, né? Porque eu entendia que eles precisavam dar continuidade nos estudos, do sistema nós não tivemos apoio, mas, também não tivemos rejeição, a rejeição que nós tivemos foi por parte dos professores da época, aí na época também eu já era gestora da escola e aí os professores eles não queriam, por que? Porque eles não tinham

formação, eles não sabiam como lidar a gente não tinha tido nenhum curso de preparação para receber esses alunos, a rejeição era nesse sentido, eles diziam como que a gente vai trabalhar com esses meninos? Só que foi um desafio muito grande e aí eles ficaram chateados, mas como que a gente procedeu? Nós pegávamos os alunos, que nunca eram muitos eram sempre pouco e a gente procurava colocar só numa turma e vinha o professor da Escola Áudio Comunicação, na época não tinha Libras, a metodologia utilizada era a comunicação total, a leitura labial. O professor que vinha da Áudio Comunicação, que era conhecido como professor itinerante era esse o nome que eles usavam, então ele acompanhava esses alunos e os alunos faziam a leitura labial do professor e quando eles não entendiam, este professor do Áudio Comunicação que estava na sala com eles depois quando retornavam para a escola de Áudio Comunicação no contra turno repassavam e explicava o que o professor estava trabalhando com eles. Foi um desafio muito grande mesmo e até certo ponto os professores tinham razão porque nós nunca recebemos nenhuma formação para receber esses alunos (Vasconcelos, 2023).

Notamos claramente diante da fala da professora que o principal desafio de fato nesse processo de aceite de alunos surdos em uma escola de ensino regular, com ouvintes e professores que ainda não tinham tido a oportunidade de ter em sua sala de aula alunos com especificidades educacionais diferenciadas, era a comunicação.

Por isso pensar uma metodologia para sanar tal dificuldade era necessária conforme narra acima a professora Vasconcelos (2023), mesmo diante da precisão dos alunos por dar seguimento aos estudos os professores de modo geral não queriam aceita-los, devido à falta de preparo da parte deles, por terem recebido nenhuma formação.

Figura 5: Professora itinerante da escola Áudio Comunicação.



Fonte: Escola “Brandão de Amorim” (1993).

Mas como a professora Vasconcelos viu nesta necessidade dos alunos uma oportunidade de ajuda-los a seguir estudando, não mediu esforços e junto com os professores que acreditavam que era possível que aqueles alunos avançassem nos estudos.

Para tanto tinham que se valer dos métodos que havia na época, utilizavam-se da comunicação total como conceitua Amoêdo (2017, p. 40) “a comunicação total exhibe um tipo “vale tudo”, por não discutir a função da linguagem oral e da língua de sinais. Inventou-se uma língua “artificial” para ensinar a gramática da língua falada ao surdo [...]”.

Sendo esta uma forma de comunicação com o surdo valendo-se de todos recursos, “linguagem sinalizada fala + leitura labial + treino auditivo” (Amoêdo, 2017, p. 27) para que os surdos pudessem compreender os conteúdos e assuntos estudados na escola, já que como supracitado na década de 1990 a Libras ainda era algo inexistente, mas, a necessidade educacional daqueles alunos era bem vívida e se fazia urgente uma solução para os mesmos.

Figura 6: Alunos surdos e ouvintes.



Fonte: Escola “Brandão de Amorim (2012).

Figura 7: Apresentação do Hino.



Fonte: Escola “Brandão de Amorim (2012).

Partindo desse empenho das professoras Zilda Tavares gestora da Escola “Pe. Paulo Manna” e Georgina Vasconcelos gestora da Escola “Brandão de Amorim” foi que os surdos começaram a alcançar voos maiores em nível educacional, o que antes era algo impensado agora era real, mesmo que não contemplando os alunos surdos como deveria, mas, foi o primeiro passo para as conquistas começarem, mesmo que pareça pequena como continua narrando a professora Vasconcelos (2023) a seguir:

Depois que a Escola “Brandão de Amorim” recebeu esse alunos para darem continuidade em seus estudos que era do 6º ao 9º ano, surge um outro entrave que era porque eles queriam agora ir para o ensino médio, muitas das meninas surdas queriam fazer o magistério e daí elas não eram muito aceitas por conta da condição, da deficiência, aí a gente procurava matriculá-los no ensino médio lá na própria escola “Brandão de Amorim”, até que o “Colégio do Carmo” aceitou a primeira aluna surda para fazer o magistério, e daí a partir que o “Colégio do Carmo” aceitou outras escolas foram abrindo as portas para que esses alunos tivessem acesso.

Vemos na narrativa acima, o interesse das meninas surdas da época em seguirem os estudos para se tornarem professoras por fazer o magistério, mas como já relatado não era possível pela falta de aceite das escolas para que aquelas alunas pudessem dar seguimento aos estudos, fato esse que não aconteceu apenas nas vidas dos surdos aqui de Parintins, como afirma Vilhalva (2004, p. 32):

[...] Sentia que tinha vocação para ser professora. Minhas colegas me ajudaram muito, meus professores tinham mais dúvidas e expressavam uma insegurança de não saber em que acreditar, aos poucos foram entendendo e procurando me ajudar.

A falta de credibilidade dos professores nas pessoas surdas por considerarem que estes não conseguiriam ser professores ou mesmo compreender os conteúdos estudados fez com que os mesmos fossem por muitas vezes impedidos de levar adiante seus estudos o que acarretou a entrada tardia no mercado de trabalho e em outras áreas da sociedade.

No decorrer da história do surdo é notório o quanto eles lutaram no campo da educação para terem o direito de ocupar seus lugares nas instituições de ensino, sempre vislumbrando o dia em que poderiam adentrar todos os espaços que tivessem o desejo de frequentar.

Mas tem algo que a história provou é que os surdos são pessoas capazes e que podem ocupar qualquer cargo que ansiarem, seja qual for a área de atuação, e no caso da educação que é onde as surdas de Parintins desejavam atuar na função de professora não foi diferente seguindo o exemplo de Vilhalva (2004), que mesmo diante de oposição de colegas de trabalhos que desacreditavam em sua capacidade não desistiu.

Conseguiu desenvolver um trabalho primoroso que todos conhecem através de suas obras, onde explana de forma digna e clara como venceu todos os obstáculos e até mesmo o sistema e conseguiu realizar seu sonho de ser professora.

O mesmo se deu com as alunas surdas que depois de terem a primeira colega aceita para fazer o magistério viram a situação mudar de figura e outras escolas as aceitaram dando início a uma nova fase na trajetória dos surdos fruto desta conquista da Comunidade, pois, daí em diante começou-se a reservar vagas para as pessoas surdas em várias escolas de ensino regular.

E não foi uma conquista que aconteceu de uma hora para outra, houve um trabalho conjunto iniciado pela escola “Brandão de Amorim” em parceria com as professoras da escola “Pe. Paulo Manna” que acompanhavam esses alunos surdos para onde eles iam nas diferentes escolas que eram aceitos, levando os materiais didáticos pois de fato não havia uma preparação

ou formação para os professores atendê-los, o que chamou atenção até do governo federal como relata Vasconcelos (2023) a seguir:

Quando a escola “Brandão de Amorim” abre as portas fazendo esse trabalho pioneiro, ela abre caminho para chegar até o Ministério da Educação e Cultura –MEC, ele soube da ação que a gente estava fazendo, aí nós recebemos muitas coisas com relação a isso. Hoje a Escola “Brandão de Amorim” é reconhecida como sendo a primeira escola inclusiva de Parintins pelo MEC. [...] Na época que era gestora nós recebemos muitos prêmios e muitos materiais por conta desse trabalho que nós realizamos. Aí com a criação da Lei nº 9.394/96 que exigia a criação de salas de recursos, a escola “Brandão de Amorim” teve sua primeira sala, mas, exclusivamente voltada para educação de Surdos (grifo nosso).

Notamos como os esforços das pessoas que tomaram posição a favor da educação dos surdos não foi em vão em nenhum momento, pois, além de promover possibilidade destes de avançarem nos estudos, foi um marco para que o governo federal notasse o trabalho desenvolvido dando assim uma luz para a aplicação da legislação como preconiza a LDB no capítulo V – Art. 58. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial (Brasil, 2020).

A partir da legislação muito se avançou no que se refere a educação para os surdos que puderam agora contar com um atendimento focado e direcionado para a sua especificidade educacional, como afirma a narrativa acima, se antes não existia uma formação para os professores que acarretava na não aceitação de surdos nas escolas de ensino regular, agora se conquistava o direito de ter um lugar específico para estes com recursos que lhes proporcionava o aprendizado que lhe era de direito.

O trabalho de inclusão com o surdo foi notório aos olhos do governo que Vasconcelos (2023) nos relatou que no ano de 2000 o presidente da República do Brasil da época Fernando Henrique Cardoso esteve em Parintins e escolheu a escola “Brandão de Amorim” para fazer por um semana a sede do Governo Federal, diante de todo o trabalho que vinha sendo desenvolvido na escola o presidente deu todo um aparato para escola, naquela ocasião existia o Programa da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação TV Escola, que tinha por objetivo capacitar professores dos Ensinos Fundamental e Médio.

E o presidente supriu todo o material necessário para o TV Escola, atualizando os vídeos que eram utilizados pelos professores, também pintou e reformou a quadra e as salas de aula e durante aquela semana tudo que dependia do Presidente Fernando Henrique Cardoso era resolvido da Escola “Brandão de Amorim” em Parintins.

E vale destacar a fala da professora Vasconcelos (2023) no que se refere o envolvimento dos alunos surdos que frequentavam a escola naquela época, esta conta como foi realizada a cerimônia que homenageou o presidente Fernando Henrique Cardoso:

Os surdos tiveram uma grande participação, pois, foi a primeira vez que o presidente viu o Hino Nacional ser cantado em Libras, [...] os alunos já sabiam a Libras, então a escola de Áudio Comunicação preparou todos os alunos do Brandão, todos os surdos que estudavam, preparou para que eles cantassem o Hino Nacional em Libras, a participação deles foi riquíssima nesse momento e o presidente ficou encantado, porque ele nunca tinha visto os meninos cantarem o Hino Nacional em Libras, um momento histórico e significativo para escola “Brandão de Amorim”.

É notório como o movimento que começou discreto como apenas um desejo de pessoas que queriam apenas estudar, despertou o interesse de outros o que gerou grandes acontecimentos não só para a escola os profissionais que encararam o desafio, mas, rendeu visibilidade a nível nacional o que foi um marco para a Comunidade Surda de Parintins.

3.3 A religião e sua contribuição à Comunidade Surda

*Os olhos dos homens conversam tanto quanto suas línguas.
Os olhos que veem o céu, que veem a terra e o mar,
Que contempla toda beleza desta existência.*

Shirley Vilhalva

Não podemos falar da história e memória da Comunidade Surda sem falar da religião e tudo o que ela representou no desenvolvimento tanto da língua de sinais como da inclusão dos surdos na sociedade, isso porque, é a partir das diferentes denominações religiosas que esta comunidade foi ganhando notoriedade, visto que o anseio pelo conhecimento bíblico também faz parte dos interesses dos surdos.

De modo que é importante para este estudo que possamos ouvir também as narrativas das pessoas que estão dentro das religiões e que tem realizado o trabalho de acolhimento como forma de inserção dos surdos em vários ambientes religiosos. Neste sentido demonstraremos as narrativas de dois intérpretes de diferentes religiões.

3.3.1 O surgimento do interesse

A primeira pessoa que expõe sua narrativa com relação do surgimento do interesse pela Comunidade Surda é a intérprete Maia (2023) da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que é

Bacharel em Serviço Social, Pós Graduada em Docência em Libras para o Ensino Superior, a mesma diz que sua inserção na Comunidade se deu pelo um interesse inicial no seu período de graduação conforme narra abaixo:

O meu primeiro contato com o surdo foi na Universidade na UFAM (Universidade Federal do Amazonas), através da professora Andreia, através dela, por influência dela, eu me interessei muito pela Libras e eu senti uma facilidade em aprender, comecei a ter o contato com os surdos, mas, nunca levei nenhum para a igreja. Depois que perdi minha mãe e chegou um grupo de surdos na igreja ai eu comecei a interpretar e depois dessa experiência assim mais próxima, porque eu conseguia a comunicação, mas, não tinha muito contato, mas depois desse grupo chegar na igreja, comecei a ter mais contato com eles e comecei a fluir mais [...].

Para Maia (2023) o encontro com a Comunidade não foi algo programado ou pensado, o interesse veio durante sua formação acadêmica, mas foi dentro da Igreja que esta de fato pensou os sinais e iniciou esse processo de aprender Libras o que a levou aprimorar sua comunicação com os surdos, passando assim a interpretar a realização dos cultos que sucedem durante a semana, vale lembrar que a mesma relatou que a priori ela não fez nenhum curso de Libras básico ou avançado, todo seu desenvolvimento na Libras foi decorrente de sua vivência com os surdos na igreja, só mais tarde ela buscou especializar-se no idioma.

Não é algo novo ver a aproximação dos surdos aos templos religiosos, isso porque, foi sempre um lugar pelo qual a maioria das pessoas no mundo buscam encontrar seus semelhantes para interagir e socializar. Foi o que aconteceu no caso de Maia (2023), que teve a oportunidade de conhecer e aprender com os surdos dentro de sua igreja.

No passado os surdos não eram considerados como pessoas por não possuírem o mecanismo da fala, o que fazia deles seres ignorados e não aceitos pela sociedade, mas, surgiu a preocupação da Igreja em relação ao fato de os surdos não possuírem uma língua compreensível para que pudessem se confessar, o que levou os líderes religiosos a se interessarem em pensar meios para que os mesmo conseguissem ser entendidos (Oliveira, 2013).

Isso demonstra como a religião desempenha um papel primordial na vida dos que participam da Comunidade Surda, desde os primórdios a busca da religião em se posicionar a favor da firmação dos surdos para que pudessem obter comunicação que é o que favorece o desenvolvimento completo destes, tanto no sentido social como no sentido cognitivo.

Notamos o envolvimento da Igreja Católica por exemplo que se posicionou em algum momento da história demonstrando preocupação acerca da forma pela qual os surdos se expressariam e se fariam entender aos demais, como pontua Oliveira (2013, p. 25) ao dizer que

“[...] os monges criaram uma língua gestual para se comunicarem uns com os outros, devido ao Voto de Silêncio, quando estavam em clausura e não podiam passar conhecimentos adquiridos pelos livros.”

E por meio dos gestos que nascem para comunicação por devoção, os surdos vão sendo contemplados não só em seu lado espiritual, mas também em outros campos de sua vida e se desenvolvendo como um ser social, ganhando voz como enfatizou a intérprete Maia (2023).

Se faz necessário para esse estudo pontuar quando começou o movimento da Comunidade Surda neste Município, mas vale ressaltar e esclarecer que essa gênese pode mudar de acordo com a narrativa de cada entrevistado que tem um prisma diferente acerca desse início. Como veremos a narrativa de Maia (2023), que nos mostra seu olhar ao responder a pergunta: *quando começou o movimento da Comunidade Surda no Município de Parintins?*

[...] os surdos tem uma comunidade forte que iniciou por causa do colégio né, da Escola Paulo Manna e essa Escola tem um papel fundamental, a Igreja Católica e o Padre Francisco Lupino junto com a professora Zilda que começaram toda esse movimento e essa união, porque os surdos ficavam em casa escondidos, eles não sabiam de comunicar, tinham comunicação, ficavam ali sem fala, sem poder participar da sociedade e através da Escola Padre Paulo Manna, eles começaram a se conhecer se unir, a se apropriar da língua deles e a se inserir na sociedade [...].

Como podemos notar na fala de Maia (2023), de acordo com os seus conhecimentos o início do movimento da Comunidade Surda se deu com o surgimento da Escola Padre Paulo Manna. A mesma destaca o papel da escola por relatar sobre o fato de que por meio desta os surdos puderam não só se conhecer como também se apropriar do seu idioma a Libras.

Durante sua narrativa Maia (2023), relatou que atualmente em sua igreja a Adventista do Sétimo Dia, seis surdos frequentam regularmente, mencionou que o grupo de surdos era maior e que começaram na Igreja Assembleia de Deus, pois, era o único lugar que tinha a acessibilidade para os surdos e no ano de 2015 com a migração dos surdos para a sua Igreja deu-se início do trabalho de fato com os mesmos.

Ressaltamos que esse grupo de surdos migrou para a Adventista do Sétimo Dia, devido a uma moça que tem uma irmã surda, e apesar de não ser intérprete profissional aprendeu a Libras com sua irmã e dessa forma interpretava aos demais surdos que frequentavam a igreja Assembleia de Deus, e quando esta mudou para a Adventista do Sétimo Dia, o grupo todo foi com ela, isso se deu pois, a única via de acessibilidade era aquela pessoa, e quando a mesma deixou a religião anterior o surdo ficou sem o poder da comunicação.

Os surdos frequentam as igrejas não somente para interagir, mas buscam aprender da bíblia que nutre sua fé, mas se este não encontra um intérprete que possa mediar sua comunicação, não há aprendizado, o instrutor ou educador e o intérprete precisam alinhar-se como afirma Amoêdo (2017, p. 67) “[...] para alunos surdos é necessário que o educador e o intérprete estejam preparados o suficiente para serem mediadores do conhecimento; pois o método espacial-visual é o principal que deve ser utilizado no ensino para estes estudantes”.

Diante desse fato os surdos necessitam de alguém que interprete exatamente o que o seu instrutor bíblico ensina, por isso no caso do grupo que se deslocou para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, buscavam um lugar onde podiam entender o que estava sendo ensinado, ao que conforme relata Maia (2023), tem dado um bom retorno por manter uma rotina de estudos bíblicos e interpretação de seus encontros.

Figura 8: Culto na Igreja Adventista.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada (2022).

Figura 9: Estudo Bíblico.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada (2022).

Figura 10: Placa de Igreja Acessível em Libras.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada (2022).

Figura 11: Grupo de Surdas após culto.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada (2022).

Podemos notar nas imagens acima o trabalho desenvolvido na igreja Adventista do Sétimo Dia por meio da intérprete Maia (2023) que acolhe e realiza um trabalho de ensino bíblico para os membros da Comunidade Surda que frequentam aquele local de adoração.

Ainda no âmbito religioso, apresentamos as narrativas de um intérprete Eduardo, que desenvolve um trabalho de interpretação durante a realização das missas que acontecem nas igrejas católicas, sendo este também um dos fundadores da Pastoral do Surdo, que é uma ação da Igreja Católica que como organização visa efetivar a catequização reservando um momento de adoração. Na entrevista realizada com Sishan foi perguntado ao mesmo: *quando começou o movimento da Pastoral do Surdo no Município de Parintins?*

A Pastoral do Surdo inicialmente ela não tinha objetivo como Pastoral, ela iniciou em 2017, quando eu comecei a participar num grupo de jovens Marianos, que é o grupo de Juventude e Ação Mariana-JAM da Congregação, é aquele grupo daquelas pessoas que usam aquela fita azul. Foi quando comecei a iniciar que eu chamei um amigo que eu aprendi Libras que foi o Luiz Felipe (surdo), ele começou a frequentar ali os encontros do JAM e ele começou a chamar novos amigos e daí quando a gente percebeu já havia um número grande de surdos ali, cerca de cinco surdos inicialmente, [...]esses surdos ali já estavam começando a participar dos encontros do grupo JAM. E durante a festa do Carmo foi que eu tive o convite para interpretar na missa, só que nesse processo eu não estava sozinho no JAM, assim que eu entrei e assim que os surdos entraram a minha irmã começou também a participar do grupo JAM e o período da festa do Carmo que a gente começou a interpretar dando esses passos iniciais ainda. E na festa do Carmo desse mesmo ano 2017, foi que um surdo de Maués junto com professor de Libras, apresentou pra gente existia uma Pastoral que trabalhava com os surdos e que seria legal implantar em Parintins, porque em Maués já havia sido implantada, já tinham trabalhos acontecendo só que estava um pouquinho sem participação ela estava parada. E foi daí junto com o padre Jânio que acompanhava o Grupo JAM né? [...]foi quando a gente começou a trazer os surdos e interpretar na missa, foi assim que iniciou a Pastoral sem esse nome Pastoral e sim como Jovens Usuários da Língua (Sishan, 2023. Grifo nosso)

Como relata o entrevistado supracitado a Pastoral do Surdo teve um início um tanto casual, começou pelo interesse deste enquanto membro da Igreja Católica, de reunir-se para a adoração, mas, notamos que com a presença de um surdo, resultou na aproximação de outros, isso demonstra o quanto o interesse pelo divino atrai as pessoas, e pela falta de intérprete na maioria dos templos religiosos de Parintins o convite para a Pastoral com a presença de um intérprete foi de grande valia para os surdos.

Fazer parte de uma instituição religiosa é muito importante para várias pessoas no mundo e para os surdos não é diferente, pois, muitos destes sentem a necessidade de fazer parte de uma religião já que esta é “[...] como um sistema de crenças e práticas observado por uma comunidade, apoiado por rituais que reconhecem, idolatram, comunicam-se com ou aproximam-se do Sagrado, do Divino, de Deus [...]” (Oliveira, 2013, p. 51), e pela narrativa acima notamos que foi exatamente pelo fato de ter uma missa sendo interpretada para a Libras que os surdos se aproximaram para adorar seu Deus.

Durante sua explanação Sishan (2023), menciona que a diocese de Maués de une a de Parintins como Pastoral do Surdo, devido como já observado em sua fala, as ações estavam paradas naquela localidade, desse modo explica que o quantitativo de surdos nessas duas localidades varia entre vinte e cinco a trinta, mas, a nível de Parintins são dezoito surdos frequentando regularmente.

A Pastoral está presente na igreja de São Sebastião que atendem os surdos que moram nos bairros de Itaúna I e II, Paulo Correia e União, assim como na Catedral que recebe os surdos dos bairros de Santa Clara, Centro e Palmares, conforme afirma Sishan (2023) a Pastoral do Surdo em Parintins está organizada dessa forma.

A Pastoral do Surdo em Parintins desenvolve um trabalho que é notado por toda a sociedade, pois, a mesma participa de atividades como teatros com cênicas que demonstram sua devoção por Deus, reuniões que incentivam seus membros a se inserirem cada vez mais nas diferentes áreas sociais o que ganha destaque nas redes sociais e atrai cada vez mais surdos que buscam esse lugar para adoração e oração, onde possa expressar sua fé em seu idioma, e a Pastoral tem propiciado esses momentos aos membros da Comunidade Surda que participa de seus trabalhos e ações.

Figura 12: Via Sacra dos Jovens.



Fonte: Pastoral do surdo de Parintins (2022)

Figura 13: Reunião dos membros da Pastoral.



Fonte: Pastoral do surdo de Parintins (2019)

As imagens acima nos dão pequena mostra do que desenvolve a Pastoral do Surdo, que tem um início desprezioso, mas, que hoje desenvolve grandes atividades que tem atraído não somente surdos mas todos aqueles que tem afinidade pela causa e que aprendem a Libras tornando-se membro da Comunidade Surda.

Como podemos notar as instituições religiosas tem sido um amparo e refúgio para a Comunidade Surda, pois, estas seguem acolhendo e desenvolvendo trabalhos que dignificam e dão sentido nas vidas dos surdos, não tem um papel assistencialista apenas no dia a dia dessa

Comunidade, mas desempenha um papel de incentivador e propiciador de meios para que os possam participar e adentrar cada vez mais espaços firmando-se como um grupo sólido e coeso.

3.3.2 Os desafios e as conquistas

Como todo o processo não é fácil, a Comunidade Surda também enfrentou seus desafios no âmbito da religião, por isso as narrativas dos membros intérpretes ouvidos neste estudo, é importante para que entendamos como se deu essa trajetória da Comunidade no decorrer dos anos, por conhecer seus principais desafios, mas, também as conquistas obtida ao longo da história.

A intérprete Maia (2023), relata o que ocorreu em termos destes fatos desde quando esta iniciou o trabalho de interpretação junto à Comunidade Surda no âmbito da religioso, como já mencionado a mesma afirmou que seu encontro com a Comunidade não foi nada planejado mas que com o envolvimento que sucedeu naturalmente a levou a conhecer a realidade daqueles que a rodeiam no meio social e na sua igreja que é o local do qual nos narra os desafios e conquistas enfrentadas pelos membros da referida comunidade. De modo que foi perguntado: *você tem conhecimento se os surdos enfrentaram desafios ao longo de sua história?*

Sim muito mesmo, a história do surdo não é fácil aqui em Parintins eu percebo que a maioria dos surdos tem uma história assim, sofrida e não é só aqui em Parintins, a gente conhece, a gente estudou isso e sabe que a história do surdo é difícil. Mas aqui em Parintins não é diferente, foi bem difícil especialmente para os surdos mais antigos, [...] eles ainda pegaram aquela comunicação total aquela oralização que era obrigada e alguns os mais velhos eram até proibidos de sinalizar, então a comunicação deles era só entre eles mesmos. [...] hoje em dia a gente já encontra irmão, mãe que já estudou Libras que já conseguem se comunicar com o filho, mas antes, coitados se sentiam muito isolados, e como no mundo todo o surdo se sente assim meio aparte, por que? Por causa da comunicação (Maia, 2023).

Um dos principais desafios narrados por Maia (2023), foi a questão da comunicação entre o surdo e o ouvinte, o que o mantém como que isolado do restante do mundo, isso nos faz pensar em como não poder comunicar-se com alguém algo tão corriqueiro na vida de muitos, mas que para o surdo era tão difícil a algum tempo atrás, faz com este se sinta aparte da sociedade, pois, como afirma Sacks (2010, p. 105) “[...] no mesmo grau em que os surdos se sentem excluídos, podem sentir-se isolados, afastados, discriminados [...]”.

O fato de o surdo não encontrar pessoas com quem pudessem conversar livremente e de forma inteligível fazia com que o mesmo fosse apenas um espectador da vida passando

diante de seus olhos, sem poder em momento algum cooperar e contribuir com a sociedade e o meio no qual estava inserido mas se sentia parte ativa.

Algo relevante e que chama atenção na narrativa sobre esse fato da comunicação é a proibição dos surdos de fazerem uso dos sinais para se comunicarem, o que nos leva para um passado cruel que era proibido aos surdos sinalizarem como meio de comunicação, onde havia uma discordância de qual era a melhor maneira de educar os como destaca Nascimento (2006, p. 254) ao dizer que tem:

[...] aquele que defende o ensino da língua oral para os surdos como única forma de inseri-los na comunidade ouvinte e aquele que defende a língua de sinais, própria da comunidade surda, como meio lingüístico pelo qual deve-se desenvolver sua educação.

E como podemos notar no relato de Maia (2023) este fato é universal, pois afeta surdos do mundo todo, e no caso dos surdos de Parintins não foi diferente, os mesmos foram proibidos de fazer uso da sua própria língua como meio de comunicação, sendo obrigado a aprender a oralizar e muitas vezes no processo de educação até mesmo se exigia que aprendessem a falar.

Mas, podemos afirmar a partir dessa entrevista que nem tudo foi apenas desafios na história dos surdos, com a contínua persistência e resistência da Comunidade Surda as conquistas também apareceram, sendo estas fruto de muita luta e união dos seus membros, por sempre se posicionar a favor de seus direitos e buscando com que estes sejam respeitados. Maia (2023), que uma das principais conquistas que teve a oportunidade de presenciar ou ouviu dos próprios surdos é exatamente a acessibilidade, pois atualmente podem escolher os ambientes que querem frequentar tendo em vista que conseguirão falar em seu idioma como explana a seguir:

Eu vejo hoje que o surdo já ganhou muito espaço, principalmente dentro das universidades, dentro das igrejas mesmo por exemplo, quase todas as igrejas tem acessibilidade, então se eles querem ir para a Igreja Católica ele vão para Igreja Católica, se eles querem ir para minha Igreja Adventista eu estou lá e tem outras pessoas também que hoje já conseguem se comunicar. Eles tem muita mais acessibilidade do que antes, antigamente eles só podiam ir para um lugar que tivesse acessibilidade, hoje em dia aqui em Parintins já tem muitos lugares que tem intérprete, quando a gente começou, éramos pouquíssimos, ficávamos até sobrecarregados porque os surdos só vinham atrás da gente. [...] hoje em dia os surdos vão chegando nos lugares e já vão abrindo caminho para eles próprios (Maia, 2023).

Devido ao contexto do surdo no qual este não podia nem mesmo falar em seu idioma, a narrativa da entrevistada é relevante quando ressalta o fato do surdo ganhar espaço no meio

da sociedade, no que ela enfatiza as universidades e os ambientes religiosos, pois, os surdos não tinham a autonomia de escolher uma religião específica para si, o fator decisivo não era a religião e sim aquela que tivesse uma pessoa que lhe proporcionasse a acessibilidade, onde pudesse entender e serem entendidos por outros.

E como sabemos boa parte da humanidade possui o desejo de ir a um templo orar e adorar um ser divino como afirma o evangelho de Mateus capítulo 5 versículo 3 quando Jesus disse “felizes os que tem consciência de sua necessidade espiritual [...]” (Bíblia Sagrada, 2015), demonstrando que para aquelas pessoas que tem inclinação religiosa, ter essa necessidade de alimentar-se espiritualmente saciada é motivo de alegria, e hoje os membros da Comunidade Surda podem livremente frequentar as mais diversas religiões e poder usufruir de boa comunicação em Libras com as pessoas presentes naquele local. Algo que antes era impensado e até mesmo proibido.

O intérprete Sishan que é membro ativo da Pastoral do Surdo também pontuou um dos desafios para a Comunidade Surda no que tange as reuniões para o momento de adoração, diferente da entrevistada anterior ele a ponta falta de tempo dos intérpretes para auxiliar e dar a atenção devida durante o tempo todo, este afirma que:

Os intérpretes da Pastoral atuarem em outra área profissional mesmo e os surdos a maioria é acadêmico fica meio difícil de eu ir com eles, mas a questão de adoração e oração ali é aos domingos é o momento em que a Pastoral para focar ali com os surdos durante as celebrações. Fora do domingo, como eu falei por falta de tempo é bem difícil reunir, fazer o que a Pastoral fazia antes que é a catequese, a gente acaba aproveitando as férias que temos na universidade para ir com os surdos e ali durante o momento que eles estão na universidade e nós também ficamos apenas nas celebrações nas missas de domingo (Sishan, 2023).

Notamos que na questão da fala do entrevistado a diminuição dos encontros religiosos com os surdos na Pastoral não está relacionada com proibições ou falta de quem saiba falar a Libras, mas sim pela rotina exaustiva que os intérpretes e os próprios surdos tem com muitas atividades dentro da universidade. Apesar de existir na Pastoral muitas pessoas que atuam como intérprete, não conseguem auxiliar de forma mais completa os surdos que procuram aquele local, somente no dia de domingo é que conseguem ter um momento de adoração.

É muito importante que os surdos tenham esse contato com as instituições religiosas, pois, são lugares onde podem expressar-se em seu idioma, é relevante que se pontue que a igreja foi o “[...] primeiro território livre para o uso de sinais, já que, historicamente, o uso de tal forma

de comunicação foi proibida nas escolas especiais” (Silva, 2012, p. 92), o que leva os surdos sempre procurarem pelas igrejas, tanto para adoração quanto para interação com outros.

No que se refere a Pastoral, Sishan relata que apesar das dificuldades, também teve suas conquistas, e isso não só no campo da religiosidade, isso porque, a Pastoral ao mesmo tempo que cuida da adoração, dá atenção ao social dos sujeitos a Comunidade Surda saindo um pouco dessa esfera de adoração e oração e indo para assuntos práticos como por exemplo os seus direitos como relata Sishan (2023):

Das conquistas que a Pastoral do Surdo conseguiu, foi trabalhar a questão de direito dos surdos, a Pastoral teve que sair um pouquinho daquela esfera religiosa e trabalhar sobre aquela questão dos deveres e dos direitos que o surdo tem. Começamos a trabalhar também sobre violência, principalmente a violência contra a mulher que para os surdos era normal, eu lembro de um caso de um integrante que ele bateu na prima dele né? E ele achou normal, disse que havia batido nela com uma barra de ferro e que era normal. Nós reunimos, explicamos como que acontece ali e a principal conquista foi fazer com que eles reconhecessem os deveres que eles tem que cumprir e principalmente os direitos que eles tem, principalmente relacionado a acessibilidade linguística nas instituições. Uma outra conquista é conseguir realizar o acampê surdo que é um encontro a nível regional, que reúne surdos de Manaus, Parintins Rondônia e tivemos surdos de outros estados presentes. Então na Pastoral durante esses três anos, a maior conquista foi realizar um encontro desse porte em Parintins. [...] despertando assim o empoderamento, [...] vemos surdos com mais consciência do que devem fazer, então, a Pastoral não se preocupa apenas com o lado religioso, mas sim, com o lado social deles.

Podemos notar como a religião contribui não somente com a questão de adoração e fé dos surdos, pois, vai além proporcionando dignidade à vida dos surdos, nesse ponto a Pastoral do Surdo em Parintins conforme a narrativa do entrevistado tem cumprido esse papel isso porque tem “[...] por objetivo visar à promoção humana [...]” (Cerqueira, 2019, p. 17) que envolve todas essas questões do convívio social que os surdos tanto precisam, e orientação no cotidiano com relação a direitos e deveres.

É importante que se enfatize o papel que as igrejas tem desempenhado na vida dos surdos no que tange o convívio social destes, isso porque conforme a fala dos entrevistados tem sido de grande valia no desenvolvimento pessoal e coletivo, dando visibilidade a Comunidade Surda que passa a ocupar todos os espaços, mas não de qualquer modo e sim conscientes que como cidadãos de uma sociedade possuem deveres e direitos diante desta.

As igrejas trabalham no social como narra os entrevistados ao demonstrar aos surdos que nem tudo é normal e que precisam entender e respeitar os limites da vivência em comunidade, como ressaltou Sishan (2023) até mesmo a violência pode parecer aceitável

quando não se é compreendido, e o papel da Pastoral em orientar e mostrar o que de fato é correto e aceitável em uma sociedade, reforça a importância que essas instituições religiosas tiveram na trajetória da Comunidade Surda como um todo.

3.4 A saúde com um olhar atento a Comunidade Surda

*Mas nós que perdemos a faculdade de ver o belo,
Vemos com a alegria incontida uma flor tanto pelo tato,
Pelo olfato suas pétalas, seus perfumes e sua cor.*

Shirley Vilhalva

E todos os campos da vida humana sempre há uma pessoa que vê uma necessidade de uma minoria que a maioria não nota e por isso vai passando despercebido diante dos olhos da sociedade que corre demais para notar que tem pessoas desamparadas em uma de suas necessidades básicas como a saúde.

Por isso é importante dar atenção a aqueles que tem a sensibilidade de notar que falta algo que não demanda de tanta atenção e sim de um olhar mais focado no outro e suas necessidades que podem ser atendidas com alguns gestos específicos.

3.4.1 O início de tudo

Durante a graduação em Enfermagem na Universidade do Estado do Amazonas – UEA e sua vivência com surdos, uma das acadêmicas chamada Valente começou a se questionar quem estava atendendo estes nos postos de saúde do Município de Parintins, como estavam sendo recebidos nos espaços da saúde, foi então que nasceu seu interesse por essa questão como podemos ver em sua narrativa a seguir:

Tudo começou pela graduação na UEA, o curso por ser especial dentro dele tem umas disciplinas optativas, e turma optou por fazer o curso de Libras, e no momento que nós precisávamos formar um projeto de intervenção veio aquele “estalo” como é que a população surda estava sendo atendida serviço de saúde, como é que fazia a assistência para essa população se é que ele tem essa limitação com relação a audição?? Essa foi a inquietação. A partir daí a gente abraçou a causa, só que ela partiu de um contexto de que a gente estava propicio, por exemplo no período que a gente começou o projeto a gestão começou a formação do Plano Plurianual, que são propostas da gestão para execução em quatro anos, e foi período que fez a formação, foi feito o chamado coletivo e nós como acadêmicos estivemos presente nessa formação de propostas, estando no presente a gente colocou como proposta a formação do profissional de saúde em Libras, abraçamos essa proposta naquele momento e tanto que esta foi aprovada e fez parte na ocasião do Projeto Plurianual (Valente, 2023).

Notamos como é importante que se acredite em uma ideia, pois, um projeto de extensão de uma Universidade que poderia simplesmente cumprir o papel complementar do curso e dali em diante ser arquivado como acontece com alguns, teve um resultado diferente desta vez, já que, a partir do “estalo” que tiveram os acadêmicos de enfermagem da UEA, uma proposta foi elaborada e apresentada ao executivo municipal o qual a aprovou, o que se tornou foi um marco para a Comunidade Surda, pois, a partir deste projeto deu-se início a uma nova fase na saúde do Município de Parintins.

3.4.2O caminho percorrido e seus desafios

Iniciou-se assim um trabalho no sentido de dar atenção no que se refere a saúde dos surdos, pois como afirma Souza e Parrozzi (2009, p. 44), “o Sistema de Saúde Pública, não pode abrir mão de se adequar às necessidades dessa clientela, a fim de que possa prestar a ela, serviços de atendimento digno em todos os seus níveis de atuação”, com a iniciativa dos acadêmicos de enfermagem da UEA e a aprovação do projeto, o Sistema de Saúde em Parintins se adequou como podemos ver na narrativa de Valente (2023) a seguir:

A gestão atual colocou o projeto no plano anual para ser executado, mas, para a execução se precisa de várias parcerias, precisa-se movimentos tantos educacionais como sociedade e os próprios profissionais da saúde. Então a gente conseguiu realmente efetivar através da Gerencia da Educação da Pessoa com Deficiência e como a gente nunca trabalha sozinho, também como se tratava de uma educação permanente, também alinha ao Núcleo de Educação Permanente da Saúde. A gente conseguiu efetivar a proposta ano passado em 2022, fizemos o primeiro contato com a professora Keila que inclusive foi minha orientadora no projeto, e conseguimos levar a proposta em formação realmente para os profissionais dando a necessidade de assistência à comunidade. [...] isso porque eles são pessoas normais, adoecem, tem a questão do planejamento familiar em fim, eles passam pelo serviço de saúde, então se via a necessidade de como eles estavam sendo orientados como a população era recebida no serviço de saúde, então foi feito todo o processo de escuta dos profissionais escuta da categoria da Comunidade Surda para montar essa proposta. E ano passado através da parceria da UEA, através da professora Keila conseguimos fazer a primeira formação com os profissionais da área da saúde, abrimos amplamente e convocamos todos os profissionais tivemos 60 profissionais de todas as categorias, enfermeiros, técnicos de enfermagem agentes de recepção e agentes de saúde. Então pegamos aqueles que lidam direto com o acolhimento com a orientação. Daí a gente diz que saiu do individual que surgiu como um projeto de extensão de uma acadêmica na faculdade e foi para a gestão municipal para o coletivo, onde os profissionais abraçaram a causa.

Evidenciamos que as lutas da Comunidade Surda em Parintins assim como no restante do mundo, nunca foi só do povo surdo, mas sim de todos aqueles que abraçam a causa como frisou Valente (2023), que se preocupam com os surdos e com os que fazem parte da Comunidade Surda, sejam eles surdos ou ouvintes, o que ficou claro com a narrativa acima é que surgiu uma preocupação de uma acadêmica com os surdos que fazem uso do sistema de saúde, de como estes estavam sendo atendidos nos espaços de reservados para tratamentos e aconselhamentos no campo de cuidados e orientação com a saúde.

3.4.3 As conquistas em formação

Mediante a falta de assistência direcionada a especificidade da pessoa surda se fez presente a “[...] a proposta que se torna necessária é que profissionais da Saúde, principalmente aqueles componentes da Atenção Básica de Saúde da Família sejam capacitados para se comunicarem de maneira eficiente com tais clientes[...]” (Souza; Parrozzi, 2009, p. 44). Essa capacitação aconteceu por meios de formação fornecida pela UEA por professores e pelos acadêmicos surdos que preparam material didático a ser estudado durante os dias de formação e modo prático ensinam os principais sinais voltados à área da saúde, propiciando assim que os próprios surdos treinem e formem aqueles que os atenderão nos postos de saúde da cidade.

Figura 14 e 15: Formação em Libras.



Fonte: Grupo de Extensão do CESP (2023).

E vale ressaltar que essa formação não foi apenas uma vez e depois foi algo esquecido, mas entrou no calendário dos programas de saúde que faz com que diferentes profissionais da área possam ter uma formação continuada no que se refere fazer um atendimento em Libras promovendo dignidade aos surdos que buscam aqueles locais procurando atendimento médico.

Figura 16 e 17: Grupo de Extensão do CESP.



Fonte: Grupo de Extensão do CESP (2023).

Nas imagens acima podemos ver momentos em que os profissionais da saúde dos diferentes setores estão na UEA para receber em Libras realizada pelos professores e intérpretes da universidade assim como pelos acadêmicos surdos que participam ativamente no processo de elaboração das oficinas e aulas ministradas durante a formação.

3.5 A cultura como apropriação dos espaços

*A missão para arte não tem dor
Sem imaginar que perdemos o Dom
De ouvir as maravilhas do som,
Temos a arte de sentir todas as vibrações.
E nós que não conseguimos falar em sua língua
Temos a arte nas mãos,
Nosso corpo a bailar e na expressão de falar*

Sirley Vilhava

Não existe uma nação ou povo que viva sem cultura, por isso, todos os cidadãos de determinado lugar necessitam serem conhecedores da cultura local e de alguma maneira deixar sua contribuição no que se refere a isso.

Vale ressaltar que nosso objetivo aqui não é conceituar de forma única o termo cultura, mesmo sabendo uma das formas mas pensadas e a de dizer que cultura é qualquer criação humana. Mas objetivamos mostrar como a Comunidade Surda também se apropriou desses espaços de modo a alcançar lugares que lhes são assegurados durante o Festival Folclórico de Parintins como já mencionado anteriormente e detalharemos mais à frente e os cursos realizados no Liceu de Artes.

3.5.1 Arte como meio de inclusão

Parintins é conhecida nacionalmente como uma cidade de artistas, tanto que muitos dos artistas parintinenses são convidados e contratados para trabalhar nas escolas de samba do Rio de Janeiro, São Paulo e de outros estados e mesmo países onde realizam trabalhos maravilhosos que encantam todos que tem a oportunidade de ver suas artes em ação.

Diante de tão grande riqueza de talentos e artistas a cultura parintinense vem ganhando espaços e acolhendo diversas pessoas que querem descobrir ou aprimorar os talentos que possuem como afirma Santos (2006, p. 8) a “[...] cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos[...]”.

E a Comunidade Surda teve seu lugar reconhecido para se apropriar da cultura do lugar em que vive, desde quando houve a possibilidade de ter seus membros participando dos diversos cursos que são oferecidos pelo Liceu de Artes Claudio Santoro.

Há alguns anos os surdos vem compondo o quadro de alunos do Liceu de Artes em alguns cursos como o teatro, música e percussão o que fez com que aconteça a inclusão dos mesmos que agora não apenas observam o que estava acontecendo, mas, fazem parte de tudo que se desenvolve no que se refere a esses cursos específicos.

É de grande valia para este estudo que ouvíssemos um dos professores que participou do início da inclusão dos surdos nesse campo da arte, para tanta, ouvimos o professor Gonzaga que foi um dos percussores nesse sentido lá junto ao Liceu de Artes, esse por sua vez menciona outros que o antecederam nesse trabalho. Vejamos então a narrativa do professor Gonzaga:

Olhe bem eu passei nove anos no Liceu, mas, antes de nove anos de Liceu eu já tinha vinte e dois anos de “Paulo Manna”, eu preparei esses alunos para quem viesse trabalhar com eles. É aquela situação, você tem que trabalhar com amor porque o que eu penso, essas pessoas surdas [...] são anjos de Deus aqui rodando entre nosso meio, mas que as pessoas precisam entender que essa educação não é uma educação qualquer, ela é acima de tudo o conceito maior para que ela possa fluir é preciso existir o amor, o amor verdadeiro, a empatia, a preocupação pelo outro o olhar. [...] e quando eu comecei a trabalhar no Paulo Manna, meu primeiro objetivo era que eu não quero que as pessoas venham assistir um espetáculo e saiam daqui penalizados com eles dizendo: olha ele é surdinho é bonitinho porque é surdinho, eu vou assistir um espetáculo só porque ele é surdinho, entendeu? Eu não queria isso e eu conversava com eles a respeito disso, eu dizia: eu quero que as pessoas venham assistir vocês, porque vocês são artistas vocês fazem coisas maravilhosas. Porque existia uma forma de trabalhar que era a do professor Camilo que me antecedeu lá na escola, desenvolvendo um trabalho espetacular, plantou uma semente linda naquela escola. Eu dei continuidade no trabalho do professor Camilo, só que eu fui além, porque eu queria que o surdo dançasse todos os ritmos, que ele pudesse sentir a vibração e que pudesse expressar o que estava no coração dele, porque apesar dele não está ouvindo a música ele sentia seu coração e entendia o ritmo que eles estava

dançando. Então esse foi o meu primeiro desafio com eles, fazer com que sentissem, se entregassem, entrassem no ritmo, começassem e terminassem junto com a música. [...]o meu olhar sempre atento, porque eu falava com eles pelo olhar, a partir do momento que eles entravam em cena eu me retirava e ficava comandando de canto de olho para que tudo desse certo, dessa forma começaram a criar autonomia, sua independência e isso fez com que eles fossem assim na vida no cotidiano que pudessem falar por conta própria, que pudessem reivindicar, que pudessem expor suas opiniões. [...] quando o Liceu foi implantado em Parintins eles já foram preparados, tanto é que o Liceu foi implantado em Parintins ficou quase um ano a vaga do instrutor de coral em Libras aberta, porque não tinha um profissional para atender, foi quando eu fui para lá e fiz esse trabalho de quase nove anos com eles. Mas o trabalho do Liceu era somente o coral em Libras, eu ia cantar música e interpretar em Libras normal. Então eu pensei que coisa chata, o surdo já fala em Libras normal todos os dias, então tem que dar uma diferenciada nisso ao que eu pensei? Vou colocar, vou incluir o teatro e a dança que eles já sabem na proposta que o Liceu está me colocando pra trabalhar com eles, porque eu não podia mudar a proposta podia adequar, foi o que eu fiz e foi um sucesso, foi nove anos revitalizando a vida dos surdos, porque eles passaram alguns anos meio que perdidos no mundo, o Paulo Manna não atendia mais os adultos porque a gente só as primeiras séries. O problema era o que os surdos que casaram que tiveram filhos, qual era a ocupação da vida deles e legal que veio o Liceu para fazer esse trabalho com eles e graças a Deus que eu pude fazer esse trabalho lá porque [...] eu gosto da resposta que eles dão, e foi através da arte que eles puderam se empoderar, eles puderam entender que eles são capazes de muitas coisas, inclusive no Liceu tem o curso de percussão muito bacana que é dirigido pelo professor Enéas músico que criou é precursor desse curso, isso chama muito a atenção deles, imagina fazer um surdo tocar percussão, onde ele sente a vibração ele vai acompanhando e é um desafio para ele. [...] esses anos de contribuição que nós demos para eles, usando a Arte como metodologia para que eles pudessem ser bons alunos na UEA, bons alunos na UFAM porque na sua maioria são alunos que são dedicados responsáveis, bem assíduos, comprometidos e isso foi fundamental no processo de criação do meu trabalho com eles. Eu vejo hoje e fico muito feliz quando vejo um aluno que casou que tem filhos ouvintes e que tem uma responsabilidade enorme em criar os seus filhos em ensinar, educar, em fazer com ele siga um caminho positivo. Eu olho e digo eu faço parte dessa criação, eu ajudei o surdo a construir a identidade dele (Gonzaga, 2023).

Como notamos na fala do entrevistado para os surdos cegarem ao patamar de participar dos cursos do Liceu de Artes não foi algo que aconteceu de um dia para o outro, mas, foi necessário muita abnegação não só dos professores que fizeram parte dessa fase da história da Comunidade Surda assim como dos surdos que encaram o desafio de fazer coisas como dançar, cantar e tocar instrumentos musicais como é o caso da percussão mesmo sem audição.

Mostrando assim que o envolvimento com a Arte não trouxe apenas acréscimo cultural, já que, como afirma Santos (2006, p. 72) “[...] a maneira como as nações modernas são concebidas é indissociável de preocupações com suas características culturais”, o contato

direto com a Arte como enfatizou Gonzaga (2023) fez com que os surdos se tornassem pessoas melhores, responsáveis, autônomas e engajadas em tudo o que se propõe a fazer.

E com esses cursos do Liceu de Arte os Bumbás Garantido e Caprichoso também começaram a se interessar em incluir os surdos nas suas apresentações durante o Festival Folclórico, no ano de 2023, ambos trouxeram a libras para um dos momentos em suas apresentações.

Os alunos dos cursos de Arte do Liceu participaram de um dos momentos da segunda noite de apresentação do Bumbá Caprichoso com uma coreografia e usando a Libras para cantarem a toda (estilo musical cantado pelos bumbás), já o bumbá Garantido apresentou um dos momentos também cantando uma de suas toadas onde os bailarinos usaram a Libras para representar a letra da que estava sendo cantada.

Figura 18 e 19: Apresentação em Libras em cênica dos Bois Caprichoso e Garantido



Fonte: You Tube TV Acrítica (2023)

Os alunos dos cursos de teatro costumam interpretar peças em momentos propícios na cidade, o coral do Liceu de Arte também participa em alguns eventos em especial nas universidades, assim como tocam a percussão durante esses eventos, o que faz com que estes expressem sua arte de forma livre e reconhecida por todos sejam eles ouvintes ou surdos, firmando a Comunidade Surda como parte integrante da sociedade parintinense.

3.5.2 Espaços conquistados

Com essa notoriedade da Comunidade Surda no âmbito cultural, os surdos não só ganharam os espaços dentro da arena na festa dos bumbás, mas, também no desenvolvimento de toda a celebração dos bois Garantido e Caprichoso, o que teve início no ano de 2014, quando não somente os surdos, mas, todas as pessoas deficientes tiveram direito a um área reservada dentro do Bumbódromo para que possam assistir o festival das arquibancadas, e para os surdos ainda foi acrescentada uma tradução e interpretação em Libras em tempo real.

Momento esse muito importante aos surdos que agora podem não somente olhar, mas, também compreender o que está ocorrendo dentro da arena durante as apresentações e rituais que são realizados no Festival Folclórico de Parintins, dando a estes a possibilidade de ser incluídos nessa festa que tanto atrai olhares e amores de pessoas ao redor do mundo.

De modo que podemos dizer com clareza que hoje a Comunidade Surda conquistou seus espaços no que tange a cultura, mas, não podemos romantizar e dizer que é tudo perfeito, pois, no ano de 2023 por exemplo, a Comunidade precisou se manifestar e protestar para ter seus direitos a assistir nos espaços reservados para os mesmos durante o festival, isso porque conforme alegaram os membros da Comunidade Surda de Parintins, estavam sendo dado “prioridade” para pessoas não deficientes deixando os surdos de fora, ocasionando grande indignação entre estes.

Figura 20 Primeiras intérpretes no Festival.



Fonte: Facebook Jackeline Mendes (2014)

Figura 21: Interpretação na área reservada.



Fonte: Instagram Carlosihanlibras (2023).

Na narrativa de Gonzaga (2023) sobre essa área reservada aos deficientes no Festival, ele faz uma crítica não ao local reservado mas às pessoas que participam desse processo, ao ser questionado sobre se essa conquista da área reservada ter trazido entendimento cultural para os surdos, nos respondeu da seguinte forma:

*A minha resposta é não. Não só a Comunidade Surda mas as outras deficiências também, porque eu vejo assim eu vou ser muito honesto, muita gente faz essas firulas porque está na moda, é importante ter um bloquinho ali que coloque dois surdos lá uns dois **usuários de cadeira de roda**, querem nem saber se os meninos estão entendendo, se os meninos estão se sentindo bem, se o intérprete está interpretando de forma bacana para eles entenderem o que está acontecendo. Porque as pessoas gostam de mídia gostam de like. [...] a Comunidade Surda precisa realmente se unir para que isso acabe [...] para que se possa tomar um caminho certo com mais transparência, com mais empatia das pessoas. A Comunidade Surda tem direito a esse espaço, e ela não é bem informada aquilo não legalmente transparente para eles, fica um mal entendido gera conflitos, aí acontece que surdo fica sempre excluídos,*

sempre marginalizado, está sempre colocado de escanteio (Gonzaga 2023, grifo nosso).

Notamos no festival do ano de 2023 que ocorreu isso, a falta de transparência em como é realizada a seleção das pessoas que ocuparão a referida área para assistir o espetáculo, o que fez com que os surdos fossem para as redes sociais reivindicar por este espaço, haja vista, isso não ser um favor, pois, os “[...] Surdos passaram a ser compreendidos como sujeitos de direitos relativos à deficiência” (Assênsio, 2015, p. 126) que lhes assegura tranquilamente não só o local mas, também conhecer o processo pelo qual é realizado a escolha de quem ocupará a área reservada.

3.6 Da escola Santa Izabel à Universidade

*Enquanto a arte se edifica, a música toca a
Mensagem de Deus que para os homens da terra,
O Dom de amar é o mais importante,
O véu da noite vem acariciar este espetáculo da vida,
Como uma estrada florida cheia de emoção
Na união de seres surdos e ouvinte....*

Shirley Vilhalva

Registrar a trajetória da Comunidade Surda de Parintins é fazer um resgate não somente da história, mas, também da memória de todos aqueles que viveram esse processo de luta, evolução e firmação como Comunidade, é de grande valia que façamos aqui uma linha do tempo que pontue os principais marcos nessa trajetória

3.6.1 Acontecimentos Marcantes

Em 13 de abril de 2016 foi criada a Associação dos Surdos de Parintins –ASPIN, tendo como presidente eleito o Sr. Marlon Jorge Silva de Azevedo e vice a Sra. Cátia Maria Pontes de Souza.

Mas vale ressaltar que os surdos sempre se reuniram, uma dos lugares preferidos deles eram as praças da cidade, pois devido a maioria começar seus estudos na Escola “Pe. Paulo Manna” a maioria já se conhece desde a infância, então como é próprio do ser humano de viver em comunidade os surdos sempre buscaram se reunir para interagir e dialogar. Com a criação ASPIN foi, mas para os surdos adultos possuírem um local para reunir-se e lutar por seus direitos, conforme Silva (2023) há cinquenta e seis surdos registrados, porém, ainda falta um documento oficial para a ASPIN, não é registrada em cartório.

Um outro marco para a Comunidade Surda foi a graduação da primeira pessoa surda no Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP da UEA, no ano de 2015 se graduou em Pedagogia a Sra. Cátia Maria Pontes de Sousa, esta foi pioneira no campo do ensino superior, desde então muitos outros surdos tem adentrado a universidade e conseguido se formar com louvar começando a trabalhar nas áreas para qual tanto estudaram e lutaram.

A UEA tem contribuído de forma significativa na vida dos membros da Comunidade Surda, no ano de 2018 foi inaugurado em uma das salas o Núcleo de Acessibilidade Paula do Carmo, um lugar onde a Comunidade pode se reunir para estudar, ter orientações com os intérpretes, orientação com os professores e também interagirem e conversar.

Este espaço é muito bem ocupado por estes para suas atividades, o que tem se tornado um apoio fundamental no progresso dos surdos não só no sentido educacional mas também no campo da socialização, pois, assim como se reuniam anteriormente nas praças, hoje a maior concentração de surdos é dentro da UEA, estão em quase todos os cursos que o CESP oferta.

Figura 22: Primeira surda graduada no CESP.



Fonte: Facebook Cátia Maria Pontes (2015).

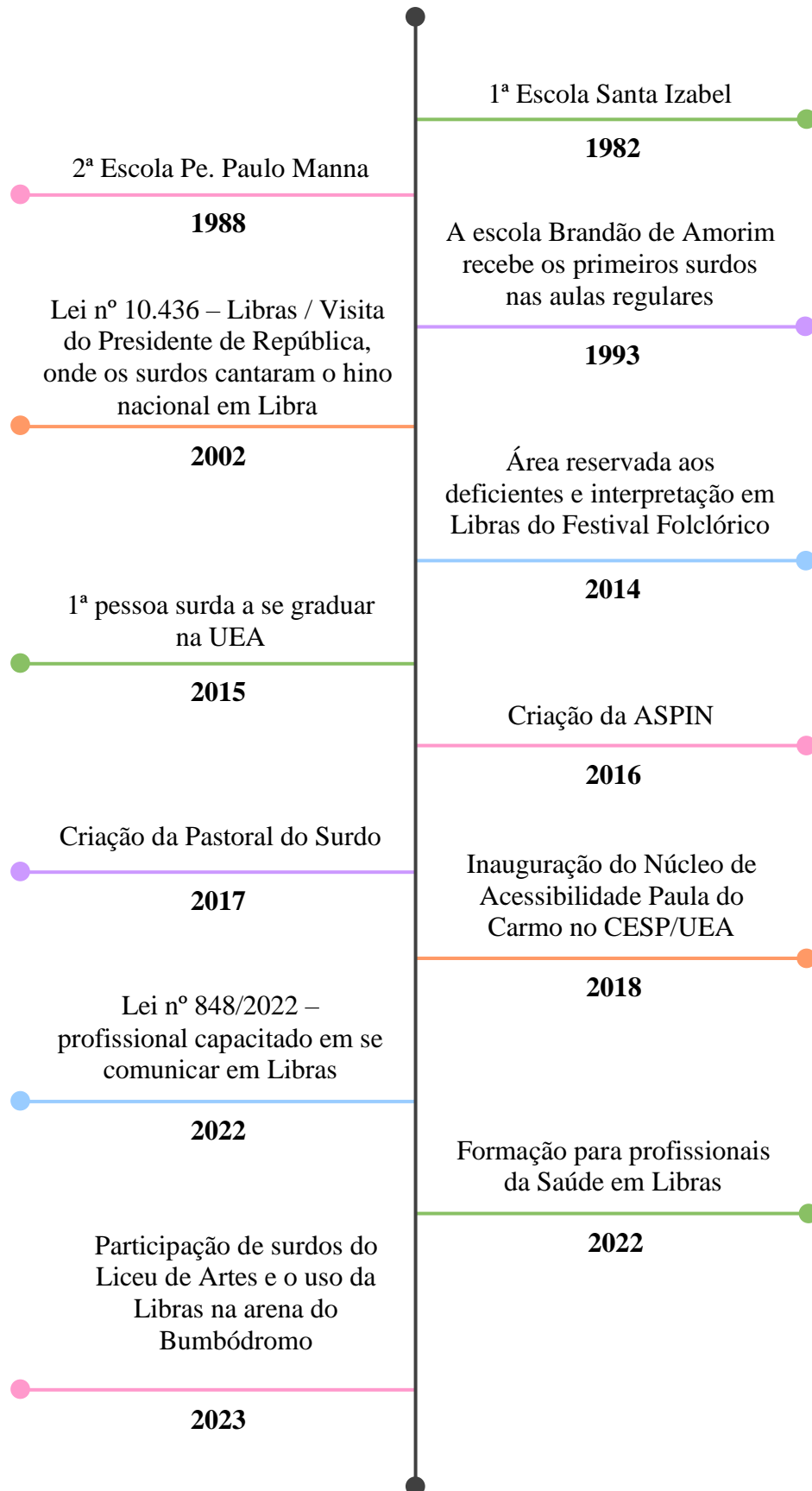
Figura 23: Núcleo de Acessibilidade.



Fonte: Facebook Francisca Keila Amoêdo (2018).

Na linha do tempo abaixo demonstramos os principais marcos na história da Comunidade Surda de Parintins, perpassando desde a primeira escola até sua participação no festival.

Figura 24: Linha do tempo da trajetória da Comunidade Surda em Parintins.



Fonte: Linha do tempo elaborada pela acadêmica (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Comunidade Surda em Parintins assim como no restante do mundo tem sido de lutas, perseverança e conquistas, é válido dizer que ainda não é como gostariam e necessitam, mas, esse estudo mostrou que muito já foi realizado pela Comunidade, fruto de muita persistência não somente dos surdos, mas de todos aqueles que fazem parte desse grupo.

Ao ler as histórias e ouvir as memórias daqueles que vivenciaram alguns dos momentos importantes da trajetória dessa Comunidade, foi esclarecedor no que tange o início do movimento desta, conhecer um pouco mais das pessoas que se empenharam em fazer com que mudasse a realidade dos surdos, que estes saíssem do anonimato e ocupassem seu lugar na sociedade.

Ao vermos que o olhar sensível do Pe. Emilio ao choro de uma inocente criança foi tudo o que se precisava para início de um acontecimento e uma mudança na vida não somente daquela criança, mas dali em diante os surdos teriam muitos olhares sensíveis sem julgamento ou pena, mas, de preocupação genuína para com o seu desenvolvimento como pessoa.

A partir do interesse pela educação do surdo, seguiu-se inúmeras outras preocupações que abarcam a vivência como todo de um povo que ansiava por ser notado e incluído nos mais diversos espaços existentes na sociedade.

De modo que durante a trajetória do surdo, este ganhou espaço na educação, teve a atenção não somente de uma religião, mas, de várias que fazem com que a acessibilidade aconteça dentro dos seus templos, o que dá ao surdo o direito de escolha de religião também, tiveram a grata notícia que os profissionais da saúde teriam um formação em Libras para melhor atendê-los nas UBSs, tiveram seu direito a conhecer e participar do Festival Folclórico de Parintins.

Da educação baseada no oralismo, hoje a Comunidade Surda conta com inúmeros intérpretes, professores e simpatizantes que falam a Libras propiciando uma comunicação livre e aberta com todos os surdos na Comunidade, dando a estes dignidade e muita força de vontade para pensar que não podem parar nunca de lutar por seu lugar na sociedade, devem sempre assim como a criança que chorando chamou a atenção do Pe. Emilio devem fazer-se notar, porque sempre haverá um olhar sensível que será atraído e de maneira unida fará com que a Comunidade Surda de Parintins continue avançando em suas conquistas.

REFERÊNCIAS

AMOÊDO, Francisca Keila de Freitas. Ensino das Ciências: diálogo na educação infantil e a aprendizagem da criança surda, na cidade de Parintins/AM. **Dissertação** (Mestrado) Universidade do Estado do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia, Manaus, 2017. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3072>> Acesso em: 26 julh. 2023.

Andreia Maia. 09 de maio de 2023, 21h Universidade do Estado do Amazonas. Entrevistado por Acleísia Tavares da Silva.

ASSÊNSIO, Cibele B. Comunidade surda: notas etnográficas sobre categorias, lideranças e tensões. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01032016-145531/publico/2015_CibeleBarbalhoAssensio_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/nxns>>. Acessado em 26 de mai. 2022.

BIBLIA SAGRADA, Tradução do Novo Mundo. **Sermão do Monte**. 2014 ed. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange- São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1001061101>>. Acesso em: 09 de junh. 2023.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Lei nº 205. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp>. Acesso em: 29 junh. 2022.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Lei nº 208. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_208_.asp>. Acesso em: 29 junh. 2022.

BRASIL. **Decreto nº5626, de 22/12/2005**. Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de Sinais – Libras e dá outras providencias. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 dezembro 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em 16 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm>. Acesso em: 13 junh. 2023.

Carlos Eduardo da Silva Sishan. 15 de maio de 2023, 17h Universidade do Estado do Amazonas. Entrevistado por Acleísia Tavares da Silva.

Cátia Maria Pontes de Souza. 29 de abril de 2023, 16h rua Marcos Zaguri, nº 340 bairro Castanheira. Entrevistado por Acleísia Tavares da Silva.

CERQUEIRA, Larissa Mota de. **Diversidade, inclusão social e educacional**. Alagoinhas. Bordô Grená, 2019. Disponível em: <<http://difeba.uneb.br/index.php/401-2/>> Acesso em: 26 julh 2023.

COUTO, Hildo Honório do. Sobre o conceito de Comunidade Surda. **Rev. Est. Ling., Belo Horizonte**, v. 13, n. 2, p. 193-219, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276450309_Sobre_o_conceito_de_Comunidade_Surda>. Acesso em: 19 julh. 2023.

Emilio Butelli. 8 de janeiro de 2023, PIME, Complexo de condomínio em Parintins, Amazonas. Entrevistado por Elenice Mourão.

ESCRITORES SURDOS- Lindos Exemplos de Superação. Academia de LIBRAS, 2019. Disponível em: <<https://academiadelibras.com/blog/escritores-surdos/>>. Acesso em: 30 de dez. 2022.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. ed. 8 - Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/libras-contexto-estudante.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

FERREIRA, Lucinda. **Legislação e a Língua Brasileira de Sinais**. Ferreira & Bergincci consultoria e publicações. São Paulo, 2003.

Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos. 25 de maio de 2023, 10h Universidade do Estado do Amazonas. Entrevistado por Acleísia Tavares da Silva.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo, Atlaas, 2008.

Leidiane Santarém Valente. 27 de abril de 2023, 12h, Hospital Regional Dr. Jofre Cohen. Entrevistado por Acleísia Tavares da Silva.

MARCON, Andréia Mendiola. O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/644681b81f2cb7f90f93b613729ef637.pdf>>. Acesso em: 12 junh. de 2023.

Marlon Jorge Silva de Azevedo. 24 de janeiro de 2023, 14h Universidade do Estado do Amazonas. Entrevistado por Acleísia Tavares da Silva.

MARTINS, H. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

NASCIMENTO, Lilian C. R. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. **DOSSIÊ**. Grupo de Estudos e Subjetividade. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.255-265, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/807>>. Acesso em: 06 junh. 2022.

OLIVEIRA, Karen Guedes. O sentido da vida, a religiosidade e os valores na cultura surda. 2013. 140 f. **Dissertação**. (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4239/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 26 de julho de 2023.

PARINTINS, Lei nº 704 Art. 1. **Procuradoria Geral do Município de Parintins**. Parintins, 2018. Disponível em: Acesso em: 30 dez. de 2022.

PERUZZO, Cicilia M. K; VOLPATO, Marcelo de O. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Líbero** – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009. <Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/508>>. Acesso em 01 mai. 2022.

PRADO, G; SOLIGO, R. (Org.). Porque escrever é fazer história. Revelações subversões superações. 2 ed. Campinas, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REZENDE, Camila Cesário dos Santos de *et al.* As contribuições do intérprete de libras para o processo de inclusão no ambiente escolar. **Revista Scientific Magazine** - Ano: XIV/2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication>. Acesso em: 15 junh. 2023.

SANTOS, S; MOLON, S. Comunidade surda e Língua Brasileira de Sinais nos relatos de uma professora surda. **Revista Eletrônica de Educação**. 2014. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acessado em: 22 julh. 2021.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 16 ed. São Paulo, 2006 Coleção primeiros passos - 110.

São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. **Declaração de Salamanca: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**.

Salamanca – Espanha, 1994. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj5_15bj5AhVFDNQKHXdSBvAQFnoECAUQAQ&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Fseesp%2Farquivos%2Fpdf%2Fsalamanca.pdf&usg=AOvVaw0AxEVhGjVHZQ2RJGd_r8Es>. Acesso em: 08 agos. 2022.

SILVA, César Augusto de Assis. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. Terceiro Nome. São Paulo, 2012.

SOUZA, Marcos Torres de; PORROZZI, Renato. Ensino de Libras para os Profissionais de Saúde: Uma Necessidade Premente. **Revista Praxis**. Fiocruz - Instituto Oswaldo Cruz, RJ 2009. Disponível em: <<https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/1119/1007>>. Acesso em: 28 julh. 2023.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificaf/historiaDaEducaoDeSurdos/scos/cap30834/1.html>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

_____. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Ed. Da UFSC. Florianópolis, 2008.

_____. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. **DOSSIÊ**. ETD - Educação Temática Digital, 7(2), 245-254. Disponível em: <<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101741>>. Acesso em: 11 de julh. 2023.

VALENTE, Leidiane S; AMOÊDO, Francisca K. de F; NASCIMENTO, Luzimere P. **A acessibilidade do surdo nas Unidades Básicas de Saúde na cidade de Parintins Amazonas**. Disponível em:

<<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/764/1/A%20acessibilidade%20do%20surdo%20nas%20unidades%20b%C3%AAsicas%20de%20sa%C3%BAde%20na%20cidade%20de%20Parintins%20Amazonas.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Tarcísio Menezes Gonzaga. 26 de maio de 2023, 20h rua Rio Branco ateliê Tarcísio Gonzaga. Entrevistado por Aceléisia Tavares da Silva.

VILHALVA, S. **Despertar do Silêncio**. Editora Arara Azul. Rio de Janeiro 2004.

PERLIN, Gladis. T. T. O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5880>>. Acesso em: 07 julh. 2021

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Editora Companhia de Bolso, 2010. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Vendo-vozes-viagem-mundo-surdos-ebook/dp/B00GS6LCES>> Acesso em: 26 julh. 2023.